



ARAUTOS DO EVANGELHO

Nº 267 - Agosto 2025

Diretor: Manuel de Abreu / Periodicidade mensal / Assinatura: 24€ - ISSN 3051-6757

*A verdadeira glória
só nasce da dor*

*Flashes
de Fátima*





CURSO ON-LINE DE

Latim

Patrimônio cultural da Igreja Católica, o latim, além de **língua própria à nossa Fé**, é veículo para o conhecimento de uma literatura que forma a tradição católica e a cultura ocidental. Múltiplas orações, toda a Liturgia do rito romano e as obras das disciplinas eclesásticas, como a Teologia, foram escritas originalmente em latim. **Por isso, a compreensão básica dessa língua é tão importante para a cultura e a religião.**

Pensando nisso, a plataforma de formação on-line dos Arautos do Evangelho desenvolveu este curso. Ministrado pela **Ir. Mariana de Oliveira** e composto de dois módulos, ele é a oportunidade perfeita para aqueles que desejam aprender a teoria e a prática da língua que, durante séculos, foi utilizada por grandes Santos e Doutores católicos.



Acesse já e inscreva-se!

WWW.RECONQUISTA.ARAUTOS.ORG

ACOMPANHE A PROGRAMAÇÃO COMPLETA DOS ARAUTOS
ATRÁVES DAS REDES SOCIAIS



TRANSMISSÃO DA SANTA MISSA
DIARIAMENTE ÀS 19H (HORÁRIO DE BRASÍLIA)

Flashes de Fátima

Revista da Campanha
"O Meu Imaculado Coração Triunfará!"

Ano XXVII nº 267 - Agosto 2025

Director:

Manuel Silvío de Abreu Almeida

Conselho de redacção:

Severiano Antonio de Oliveira;
Sílvia Gabriela Panez;
Marcos Aurelio Chacaliaza C.

Proprietário e Editor:

Associação dos Custódios de Maria
NIPC: 501141812

Sede do Editor/Sede da Redacção:

Av. João XXI, 11 - 1º Esq.
1000-298 Lisboa
N.º ERC. 120.975
Dep. Legal nº 112719/97
ISSN 3051-6757

Periodicidade mensal

Tel: 212 338 950 / Fax: 212 338 959

E-mail: pedidos@custodiosdemaria.pt

Estatuto Editorial disponível em
<http://custodiosdemaria.pt/flashedefatima/estatuto.pdf>

Assinatura anual: 24 euros

Impressão e acabamento:

Multiponto, S.A.
Rua da Fábrica, 260
4585-013 Baltar - Paredes

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redacção. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.

Membro da



Associação de Imprensa de
Inspiração Cristã

Tiragem: 10.000 exemplares

SUMÁRIO

➔ PERGUNTAM OS LEITORES	4
➔ EDITORIAL	
Sem cruz, não há salvação	5
➔ A VOZ DOS PAPAS	
A força redentora da dor	6
➔ A LITURGIA DOMINICAL	
Nosso coração só repousa em Deus	8
Não tenhas medo! Confia e alcançarás a glória	9
A glorificação de Maria Santíssima	10
Convertamo-nos antes que a porta se feche	11
Um Deus... manso e humilde?!	12
➔ EXEMPLOS QUE ARRASTAM	
Dupla volta à vida!	13
➔ TESOUROS DE MONS. JOÃO	
Hóspede bendito, mediante o qual Deus nos visita	14
➔ TEMA DO MÊS – O SOFRIMENTO	
Uma explicitação pliniana: a “sofritiva” - Aprender a sofrer	18
Chamados a ser corredentores!	22
➔ O QUE DIZ O CATECISMO?	
Uma necessidade humana	25
➔ UM PROFETA PARA OS NOSSOS DIAS	
Termômetro do verdadeiro fervor	26
➔ SÃO TOMÁS ENSINA	
É lícito pedir a Deus que afaste de nós os sofrimentos?	29
➔ HISTÓRIA, MESTRA DA VIDA	
A peste negra - Quando as calamidades ensinam a humanidade	30
➔ VIDA DOS SANTOS	
Venerável Pio Bruno Lanteri - Astuto como a serpente... ..	34
➔ ARAUTOS NO MUNDO	
Paróquia Jesus Bom Pastor - A mão materna da Igreja	38
➔ DONA LUCILIA – LUZES DE UMA MATERNAL INTERCESSÃO	
Até no outro lado do mundo... ..	46
➔ VOCÊ SABIA... ..	49
➔ TENDÊNCIAS E MENTALIDADES	
Extravagância ou ousadia	50



Reprodução

14 É possível sofrer com alegria?



Reinhardtkaue (CC by-sa 3.0)

18 A “sofritiva”, explicitação inédita de Dr. Plínio



Paróquia Jesus Bom Pastor

38 A paróquia dos Arautos na Cidade Estrutural



filles-de-la-charite.org

50 Ousadias que dignificam e atraem

Envie suas perguntas para o Pe. Ricardo, pelo e-mail:
perguntamosleitores@arautos.org



Pe. Ricardo José Basso, EP

Li em um livro a seguinte frase: “Como sempre afirmaram os santos Padres”. Como assim? Como o autor sabe que todos os Padres santos falaram isso? Ou é uma linguagem concreta?

Oswaldo Wójcik – Ponta Grossa (Brasil)

A pergunta é bem oportuna, pois nos dá ocasião para esclarecer uma dúvida muito comum.

Na linguagem clássica da Igreja os termos *Santos Padres*, *Padres da Igreja* ou até mesmo *Padres* designam um conjunto muito definido de pessoas. Neste caso a palavra *padre* não se refere aos sacerdotes, mas é a forma antiga da palavra *pai*, como explicaremos mais adiante. Há diáconos entre os Santos Padres, como Santo Efrém; numerosos Bispos, como Santo Agostinho; e mesmo alguns que não receberam sequer o primeiro grau do Sacramento da Ordem, como São Máximo, o Confessor.

Quais são, então, as características que definem um Padre da Igreja? Reduzem-se a três, bem delimitadas:

1. Antiguidade: entre os Padres do Ocidente, ou latinos – que escreveram em latim –, o último é São Gregório Magno, Papa falecido no ano de 604; entre os do Oriente – que habitualmente escreveram em grego –, o último é São João Damasceno, o qual morreu em 749.

2. Ortodoxia de doutrina: deve tratar-se de um teólogo que tenha deixado para as gerações futuras um legado escrito, em inteira conformidade com a Fé e reconhecido como autoridade na Igreja.

3. Santidade de vida.

Consideremos alguns exemplos. São Tomás de Aquino foi um grande santo e escreveu maravilhas teológicas, mas viveu no século XIII, de modo que não pode ser contado entre os Padres por lhe faltar a antiguidade; ele recebe o título de Doutor da Igreja. São Martinho de Tours viveu no século IV, foi santo e grande defensor da verdadeira Fé, mas não deixou escritos, de maneira que também não entra no número dos Padres da Igreja. Por fim, houve destacados teólogos do início do Cristianismo que, por carecerem da santidade de vida, não são incluídos entre os Santos Padres;

contudo, estudam-se suas obras na Patrologia por eles terem feito importantes contribuições para o desenvolvimento e a explicitação da doutrina católica.

Obviamente aplica-se a esses varões o título de *Padres* – ou *Pais* –, não para significar que eles tenham gerado a Igreja, obra direta de Deus, mas sim porque foram escolhidos pela Providência para proteger a Esposa Mística de Cristo em seus primeiros passos, contra os ataques dos inimigos, especialmente daqueles que queriam deformar sua doutrina. Muitos tiveram de defender a Fé com o próprio sangue, como o grande São Cipriano, Bispo de Cartago, martirizado no ano de 258. Por esse aspecto, e também por terem sido de alguma maneira instrumentos eleitos para instruir os fiéis, eles são chamados de *Pais*.

Um exemplo do uso da denominação *Padres* na História da Igreja pode ser encontrado em uma bela carta de São Bonifácio, na qual este santo apóstolo manifesta sentir-se indigno diante da grande missão que lhe fora confiada: “O temor e o tremor me penetram, e o pavor dos meus pecados me envolve e deprime!” (Sl 54, 6); gostaria muito de abandonar inteiramente o leme da Igreja, se encontrasse igual precedente nos Padres ou na Sagrada Escritura” (*Epístola* 78).

Para evitar confusão, um último detalhe: a palavra *Padres* pode ser utilizada também para denominar os participantes de um concílio ecumênico, com sentido diverso do explicado acima. Mas é um uso menos comum, cuja explicação fugiria de nosso assunto...

A partir de agora, quando virmos em algum livro ou, sobretudo, nos documentos oficiais da Igreja os termos *Santos Padres*, *Padres da Igreja* ou *Padres*, saberemos que se trata de uma referência a esses baluartes da Fé Católica dos primeiros séculos do Cristianismo.



SEM CRUZ, NÃO HÁ SALVAÇÃO

Defende São Tomás de Aquino, o único autor cuja doutrina a Igreja Católica assumiu como sua (cf. SÃO PAULO VI. *Lumen Ecclesiae*, n.24), que o elemento principal da doutrina cristã é “a salvação realizada pela Cruz” (*Super I Epistolam ad Corinthios*, c.I, lect.3).

O próprio Jesus preparou os discípulos para a sua Paixão redentora (cf. Mt 16, 21), bem como as suas circunstâncias: “Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim é necessário que seja levantado o Filho do Homem, a fim de que todo aquele que crer tenha n’Ele vida eterna” (Jo 3, 14-15). O Salvador ainda apregoeou que para se tornar realmente seu discípulo seria preciso negar-se a si mesmo e tomar a cruz cada dia (cf. Lc 9, 23)! Todo cristão autêntico, portanto, precisa ser um “crucífero” ou um “cruzado” em seu compromisso com a cruz. Por ela tudo se consuma (cf. Jo 19, 30) e por ela Cristo atrai todos a Si (cf. Jo 12, 32). A cruz é literalmente *crucial*.

Ela, porém, causa escândalo. Não só ao sinédrio, mas aos próprios Apóstolos, a ponto de Pedro repreender o Divino Mestre por anunciá-la (cf. Mt 16, 22). No limiar do sacrifício do Redentor “todos os discípulos, abandonando-O, fugiram” (Mt 26, 56) e, após a Crucifixão, evidencia-se ainda o desânimo dos discípulos de Emaús, que ansiavam uma restauração meramente humana de Israel (cf. Lc 24, 21)...

Nos primórdios da Igreja não faltaram heresias que tentaram mascarar o papel da cruz, como, por exemplo, o docetismo, segundo o qual a Encarnação de Cristo teria sido apenas uma aparência e o sacrifício do Calvário uma mera alegoria pois, por ser Deus, Jesus não poderia sofrer. Os docetistas negavam, assim, *in radice* o sentido do sofrimento na vida cristã.

Parece que muitos católicos ainda hoje defendem uma espécie de “docetismo prático”. Como os discípulos, fogem da cruz, são indiferentes às atuações do Altíssimo no mundo e vivem como se Nosso Senhor não tivesse sido crucificado. Conforme a afirmação do Aquinate mencionada acima, sem cruz – a de Cristo e a pessoal – desaparece também o cerne do Cristianismo.

Percebe-se essa mentalidade equivocada em certas práticas religiosas: em um sentimentalismo que torna a religião edulcorada e avessa ao espírito de luta e de cruz; na superficialidade com que se procura escusas para fugir de uma maior entrega a Deus e ao próximo; na pusilanimidade que evita buscar as coisas do Alto, onde está o Madeiro que a todos atrai. Tais desvios foram resumidos numa sintética expressão por Dr. Plínio Corrêa de Oliveira: “heresia branca”, ou seja, uma heresia esmaecida, *grosso modo* docetista, a qual traz graves consequências para a vida do católico.

O segredo consiste, portanto, em encontrar o sentido da vida na própria cruz, não para suportar o sofrimento à maneira estoica, mas sim para descobrir nele a glória que o Apóstolo proclamou: “Não aconteça gloriar-me senão na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, por quem o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo” (Gal 6, 14).

A cruz não é enfadonha, mas doce, como canta o hino *Crux fidelis*; é também forte e triunfante, pois ela nos guia para a Pátria Celestial: “A linguagem da cruz é loucura para aqueles que se perdem, mas para aqueles que se salvam, para nós, é poder de Deus” (I Cor 1, 18). Sem cruz, portanto, não há salvação. ✚



Vista do
campanário da
Capela de Nossa
Senhora do Pilar,
Ubatuba (Brasil)

Foto: Thiago Tamura



A força redentora da dor

Aos olhos do Senhor é particularmente precioso o sofrimento do justo e do inocente, mais do que o do pecador; este, de fato, sofre só para si, para uma autoexpição, enquanto o inocente faz do sofrimento um capital de redenção para os outros.

O PROBLEMA DA DOR

O sofrimento – peso inevitável da existência humana, mas também fator de possível crescimento pessoal – é “deplorado”, rejeitado como inútil ou mesmo combatido como mal a evitar sempre e por todos os modos. [...] É sobretudo o problema da dor o que mais pressiona a fé e a põe à prova. [...]

Com efeito, quando prevalece a tendência para apreciar a vida só na medida em que proporciona prazer e bem-estar, o sofrimento aparece como um contratempo insuportável, de que é preciso libertar-se a todo o custo.

Excertos de: SÃO JOÃO PAULO II.
Evangelium vitae, 25/3/1995

CRISTO NOS ENSINA A DIGNIDADE DO SOFRIMENTO

[À luz da Cruz] a dor torna-se sagrada. Antes – e ainda para quem se esquece que é cristão – o sofrimento parecia pura desgraça, pura inferioridade, mais digna de desprezo e repugnância do que merecedora de compreensão, de compaixão, de amor. Quem deu à dor do homem seu caráter sobre-humano, objeto de respeito, de cuidado e de culto, foi Cristo padecente [...].

Há mais. Cristo não somente mostra a dignidade da dor; Cristo lança um chamamento à dor. Esta voz, filhos e irmãos, é a mais misteriosa e a mais benéfica que já atravessou o cenário

da vida humana. Cristo convida a dor a sair de sua desesperada inutilidade, a ser, unida à sua, fonte positiva de bem, fonte não apenas das mais sublimes virtudes – desde a paciência até o heroísmo e a sabedoria –, mas também da capacidade expiatória, redentora, beatificante própria à Cruz de Cristo.

Excertos de: SÃO PAULO VI.
Discurso, 27/3/1964

QUANDO O SOFRIMENTO SE TORNA FECUNDO

Se é verdade que o sofrimento humano permanece sempre um grande mistério, ele recebe, todavia, um sentido, ou melhor, uma fecundidade da Cruz de Jesus. [...]

Sabei que aos olhos do Senhor é precioso de modo particular precisamente o sofrimento do justo e do inocente, mais do que o do pecador; este, de fato, sofre só para si, para uma autoexpição, enquanto o inocente faz do sofrimento um capital de redenção para os outros.

Excertos de: SÃO JOÃO PAULO II.
Discurso, 24/9/1979

A FECUNDIDADE DA IGREJA DEPENDE DA CRUZ

Toda a fecundidade da Igreja e da Santa Sé depende da Cruz de Cristo. Caso contrário, é só aparência, se não pior. [...]

Por exemplo, um sacerdote que carrega pessoalmente uma pesada cruz por causa do seu ministério e, no entanto, todos os dias vai para o escritório e tenta fazer o seu trabalho o melhor que pode, com amor e fé, esse sacerdote participa e contribui para a fecundidade da Igreja. Assim também um pai ou uma mãe de família, que vive uma situação difícil em casa, um filho que gera certa preocupação, ou um pai ou uma mãe doente, e que realiza o seu trabalho com empenho, esse homem e essa mulher são fecundos na fecundidade de Maria e da Igreja.

Excertos de: LEÃO XIV.
Homilia, 9/6/2025

POTÊNCIA REDENTORA DO SOFRIMENTO

Cristo é o único que verdadeiramente não tem pecado e que, mais ainda, sequer pode pecar. É, portanto, Aquele – o único – que não merece absolutamente o sofrimento. E, no entanto, Ele é também quem o aceitou da forma mais plena e decidida, o aceitou voluntariamente e com amor. [...]

Assim, por obra de Cristo, o sentido do sofrimento muda radicalmente. Já não basta ver nele um castigo pelos pecados. É necessário descobrir nele a potência redentora, salvífica do amor.

Excertos de: SÃO JOÃO PAULO II.
Audiência geral, 9/11/1988

CRUCIFICADOS COM CRISTO

Jesus é Vítima, mas por nós, substituindo-Se ao homem pecador. Ora, o dito do Apóstolo “Alimentai em vós os mesmos sentimentos que existiram em Jesus Cristo” exige de todos os cristãos que reproduzam em si, quanto está em poder do homem, o mesmo estado de alma que tinha o Divino Redentor quando fazia o sacrifício de Si mesmo: a humilde submissão do espírito, isto é, a adoração, a honra, o louvor e a ação de graças à majestade suprema de Deus. Requer, além disso, que reproduzam em si mesmos as condições da vítima: a abnegação de si conforme os preceitos do Evangelho, o voluntário e espontâneo exercício da penitência, a dor e a expiação dos próprios pecados. Exige, em uma palavra, a nossa morte mística na cruz com Cristo, de modo que possamos dizer com Paulo: “Estou crucificado com Cristo na cruz”.

Excerto de: PIO XII.
Mediator Dei, 20/11/1947

UMA PARCELA DO TESOURO DA REDENÇÃO

Mais do que qualquer outra coisa, o sofrimento é aquilo que abre caminho à graça que transforma as almas humanas. Mais do que qualquer outra coisa, é ele que torna presentes na História da humanidade as forças da Redenção. [...]

Aqueles que participam nos sofrimentos de Cristo conservam nos sofrimentos próprios uma especialíssima parcela do infinito tesouro da Redenção do mundo, e podem partilhar este tesouro com os outros.

Excertos de: SÃO JOÃO PAULO II.
Salvifici doloris, 11/2/1984

SÓCIOS NA EXPIAÇÃO

A Paixão expiatória de Cristo se renova e, de certo modo, continua e se completa no seu Corpo Místico, a Igreja.

Com efeito, servindo-nos novamente de palavras de Santo Agostinho, “Cristo padeceu tudo quanto devia padecer; nada falta à medida de seus padecimentos. Completa está a Paixão, mas na Cabeça; faltam cumprir-se ainda os sofrimentos de Cristo no Corpo”. [...]

Com razão, pois, Jesus Cristo, que ainda padece em seu Corpo Místico, deseja ter-nos como sócios na expiação, e assim pede nossa união com Ele. De fato, uma vez que somos “o Corpo de Cristo e cada um, de sua parte, um dos seus membros” (I Cor 12, 27), o que padece a Cabeça deve padecer com ela os membros.

Excertos de: PIO XI.
Miserentissimus Redemptor, 8/5/1928

TODOS PODEMOS PARTICIPAR DA REDENÇÃO

Realizando a Redenção mediante o sofrimento, Cristo elevou ao mesmo tempo o sofrimento humano ao nível de Redenção. Por isso, todos os homens, com o seu sofrimento, se podem tornar também participantes do sofrimento redentor de Cristo. [...]

Cristo não explica abstratamente as razões do sofrimento; mas, antes de mais nada, diz: “Segue-Me!” Vem! Participa com o teu sofrimento nesta obra da salvação do mundo, que se realiza por meio do meu próprio sofrimento! Por meio da minha Cruz. À medida que o homem toma a sua cruz, unindo-se espiritualmente à Cruz de Cristo, vai-se-lhe manifestando mais o sentido salvífico do sofrimento.

Excertos de: SÃO JOÃO PAULO II.
Salvifici doloris, 11/2/1984

INSERIR AS PEQUENAS FADIGAS NO GRANDE SOFRIMENTO DE CRISTO

Também para o sofrimento a história da Igreja é muito rica de testemunhas que se consumiram pelos outros sem se poupar, à custa de duros sofrimentos. Quanto maior é a esperança que nos anima, tanto maior é também em nós a capacidade de sofrer por amor da verdade e do bem, oferecendo com alegria as pequenas e as grandes fadigas de cada dia e inserindo-as no grande “com-padecer” de Cristo.

Excerto de BENTO XVI.
Homilia, 6/2/2008

“Participa com o teu sofrimento nesta obra da salvação do mundo, que se realiza por meio do meu próprio sofrimento!”

“Cristo na Cruz com São Domingos”,
por Fra Angélico - Museu de São Marcos,
Florença (Itália)





3 de agosto – XVIII Domingo do Tempo Comum

Nosso coração só repousa em Deus

✠ Pe. Alessandro Cavalcante Scherma Schurig, EP



*Se a alma sabe
contemplar
nas criaturas
o reflexo
do Criador
e, assim,
crescer no
enlevo pelas
perfeições
divinas, então
encontrará
uma
felicidade
profunda e
duradoura*

Em nossos dias vemos se multiplicarem, com uma intensidade quase frenética, toda sorte de aparelhos destinados a facilitar a vida do homem: desde utensílios de asseio pessoal até os meios de comunicação e locomoção mais avançados, nosso cotidiano está cada vez mais assentado na técnica.

Entretanto, para um observador atento não será difícil constatar que o computador de última geração de ontem já está ultrapassado e guardado num armário hoje... O possante automóvel em voga, motivo da cobiça de inúmeros compradores, amanhã será preterido por outro e terminará seus dias num ferro-velho... Que dizer então dos aparelhos celulares, que se adquirem febrilmente em todas as idades e depois são descartados como a “erva verde pelos campos: de manhã ela floresce vicejante, mas à tarde é cortada e logo seca” (Sl 89, 6)?

De que servem, então, tantos inventos? Tudo “é vaidade e grande desgraça” (Ecl 2, 21)... O triste espetáculo que assistimos diariamente, de centenas de pessoas com os olhos fixos em telas, pode esvanecer-se de súbito por um “apagão” elétrico, deixando milhões de almas desnorteadas, porque depositaram sua esperança nas criaturas. A elas cabe repetir as palavras do Evangelho de hoje: “Atenção! [...] Mesmo que alguém tenha muitas coisas, a vida de um homem não consiste na abundância de bens” (Lc 12, 15).

Deveríamos, então, apregoar o completo despojamento das riquezas terrenas e viver num primitivismo selvagem para encontrarmos a felicidade e o bem-estar?

A alma humana possui uma sede inata de infinito e do Absoluto, como tão bem clamava Santo Agostinho: “Fizestes-nos para Ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em Ti”.¹ Ora, se um homem aplica seu amor numa criatura apenas para satisfazer uma ânsia desequilibrada de gozo egoísta, ele se rebaixa ao nível daquele ser e em pouco tempo estará frustrado pelo prazer que não lhe trouxe o contentamento desejado.

Pelo contrário, se a alma sabe contemplar nas criaturas o reflexo do Criador e, através delas, procura crescer no conhecimento das perfeições divinas e no enlevo por elas, então encontrará uma felicidade profunda e duradoura. É este o fundamental conselho que nos oferece a Liturgia deste domingo, por meio da pena do Apóstolo das Gentes: “Esforçai-vos por alcançar as coisas do Alto, onde está Cristo, sentado à direita de Deus; aspirai às coisas celestes e não às coisas terrestres” (Col 3, 1-2).

Se desejamos ser ricos diante de Deus (cf. Lc 12, 21), supliquemos a graça que pedia Dr. Plínio Corrêa de Oliveira numa oração por ele composta: “Ó Senhor Bom Jesus, fazei-me amar, reta e santamente, tudo quanto é grande, maravilhoso, régio e elevado. Dai-me a graça de ser totalmente inapetente das ninharias que até agora me atraem e de ser totalmente apeteito das grandezas que me deixam enfastiado. Quem é frio e resistente aos apelos que fazeis ao amor dos homens, através do que é santo e maravilhoso na terra, o é também em relação a todos os infinitos horizontes da Fé, que devemos contemplar”. ✠

¹ SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. L.I, c.1, n.1.

Membros dos Arautos do Evangelho
rezam no cimo da Pedra do Baú,
São Bento do Sapucaí (SP)

Não tenhas medo! Confia e alcançarás a glória

✠ Pe. Aumir Antonio Scomparin, EP



Existem diversos graus e tipos de medo causados por estímulos físicos, psicológicos, sociais e até mesmo religiosos. Alguns deles estão narrados tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, para nos acautelar contra a falta de fé e a desconfiança em relação a Deus. Por exemplo, logo após o primeiro pecado Adão respondeu ao Senhor, que lhe procurava: “Fiquei com medo, porque estava nu, por isso me escondi” (Gn 3, 10); e São Pedro, ao andar milagrosamente sobre as águas, “quando reparou o vento, ficou com medo” (Mt 14, 30).

Sob outro aspecto, as Escrituras Sagradas também tratam do medo enquanto fator para alcançar a virtude: “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria” (Pv 9, 10). Este temor reverencial ensina a confiar no poder de Deus, a desapegar-se das coisas terrenas e a enfrentar com coragem os perigos, pois está alicerçada na fé, na humildade e no amor a Deus.

Se os efeitos do medo natural são a perturbação, a agitação e o pavor, os do temor reverencial são a calma, a serenidade e a confiança. Os que sofrem os primeiros creem pouco em Deus; os que experimentam os últimos se aproximam d’Ele e buscam a santidade. Assim se entende melhor o Salmo responsorial desta Liturgia: “O Senhor poussa o olhar sobre os que o temem, e que confiam esperando em seu amor, para da morte libertar as suas vidas e alimentá-los quando é tempo de penúria” (32, 18-19).

O Evangelho, por sua vez, enfatiza aspectos novos do temor reverencial quando Jesus Cristo afirma: “Não tenhais medo, pequenino rebanho, pois foi do agrado do Pai dar a vós o Reino” (Lc 12, 32). Essa exortação, cheia de dileção, de confiança e de certeza da vitória, encerra uma promessa de prêmio e de glória a quem for fiel, retomada em outro versículo: “O senhor lhe confiará a administração de todos os seus bens” (Lc 12, 44).

Os frágeis e tímidos discípulos são beneficiados pelo olhar comprazido do Pai, que lhes promete o Reino Eterno. Ora, quem O agradou mais do que a Santíssima Virgem? As palavras de Jesus

lembram a saudação angélica a Ela dirigida: “Não tenhas medo Maria, porque achastes graça diante de Deus” (Lc 1, 30). O cântico do *Magnificat* também expressa esse maravilhamento do Onipotente e a promessa de glória feita a Nossa Senhora: “Pois Ele viu a pequenez de sua Serva, desde agora as gerações hão de chamar-Me de bendita” (Lc 1, 48).

A propósito deste Evangelho, Mons. João comenta: “Foi Maria quem, de dentro de nossa natureza, elevou sua alma virginal a engrandecer o Senhor e a fazer d’Ele seu tesouro. [...] Ela nos ensina a, desta terra, fazer uma escola preparatória para o Céu, pois os tesouros aqui perecem, são vis, frequentemente nos degradam, afligem e nos empobrecem. [...] O oposto se dá com os tesouros do Céu: eles nos enobrecem, consolam e nos asseguram uma eternidade feliz”.¹

Que nossos corações estejam ávidos por ingressar nessa escola preparatória para o Céu inaugurada por Nossa Senhora, cujo fundamento é a humildade, a submissão e a escravidão de amor a Deus. ✠

Diante das incertezas desta vida, jamais nos deixemos invadir por um temor servil que nos afaste de Deus

¹ CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. Basta rezar? In: *O inédito sobre os Evangelhos*. Città del Vaticano-São Paulo. LEV; Lumen Sapientiae, 2012, v.VI, p.276-277.



Reprodução

“Pesca milagrosa”, por Rafael Sanzio - Victoria and Albert Museum, Londres

Amor que atrai e divide

✠ Pe. Vicente de Jesús Croes Sargana, EP



*Fujamos da
ilusão de que
ao fazer o bem
só colheremos
aplausos e
louvores.
O apóstolo
deve estar
preparado
para a
perseguição e
a contradição*

As leituras deste domingo podem causar certa estranheza num mundo em que a palavra *amor* adquiriu uma conotação de cumplicidade e acolhida incondicional. É muito diversa deste conceito a realidade com que se deparam aqueles que, movidos por autêntica caridade, desejam seguir os passos do Salvador...

Embora os atos de amor e de dedicação pela salvação das almas suscitem num primeiro momento admiração e entusiasmo, não raras vezes esta reação degenera em inveja, ódio e calúnia. Assim se passou com Nosso Senhor Jesus Cristo: aclamado por seus milagres e recebido como Rei no Domingo de Ramos (cf. Jo 12, 13), dias depois Ele ouviu dos seus próprios compatriotas o grito unânime de “Crucifica-O” (Jo 19, 6), diante do olhar atônito de Pilatos.

Dessa verdade também nos dá exemplo a primeira leitura, ao relatar a sorte do profeta Jeremias por pregar o que o Senhor lhe ordenara: “Disseram os príncipes ao rei: ‘Pedimos que seja morto este homem; ele anda com habilidade lançando o desânimo entre os combatentes que restaram na cidade e sobre todo o povo, dizendo semelhantes palavras’” (Jr 38, 4).

Ora, muitos encetam o caminho da virtude movidos por certo amor a Deus e ao próximo, embora superficial, sem pensar nos obstáculos que os esperam. E, quando estes surgem, esmorecem... Oposta foi a atitude do Divino Mestre, como escutamos na segunda leitura: “Pensai pois n’Aquele que enfrentou uma tal oposição por parte dos pecadores, para que não vos deixeis abater pelo desânimo” (Hb 12, 3).

Desde toda a eternidade Jesus conhecia os efeitos que o fogo de seu amor pela glória do Pai e pela salvação das almas produziria: “Vim para lançar fogo sobre a terra, e como gostaria que já estivesse aceso! Devo receber um batismo, e como estou ansioso até que isto se cumpra! Vós pensais que Eu vim trazer a paz sobre a terra? Pelo contrário, Eu vos digo, vim trazer divisão” (Lc 12, 49-51).

Divisão... Nosso Senhor já havia sido batizado por João, no Jordão. O batismo ao qual Ele Se refere neste trecho do Evangelho é, portanto, sua Paixão e Morte, um batismo de sangue, dor e tribulação. Quis Ele com todo o ardor tal holocausto, desejando que se cumprisse o mais rápido possível, pois sabia ser essa a consumação de sua missão, iniciada com a Encarnação e movida por um amor infinito pela humanidade pecadora!

Eis uma lição para nós. Quando Deus nos chama a cumprir uma vocação, a exercer uma obra de apostolado, a vencer um vício ou um capricho, a abandonar uma ocasião de pecado, enfim, a amá-Lo sobre todas as coisas no nosso dia a dia, obedecemos à sua voz sem tardança!

Por fim, peçamos a Maria Santíssima que Ela nos abraze com seu amor, e que seu Divino Filho nos utilize como instrumentos fiéis para a propagação desse fogo purificador por toda a face da terra. ✠



“O apedrejamento de São Paulo”, por Jean Baptiste de Champaigne - Museu de Arte Arnot, Nova York

Reprodução

Convertamo-nos antes que a porta se feche

Pe. João Marcos Cardoso dos Santos, EP



Segundo a concepção contemporânea, a palavra *bondade* pode designar mil qualidades, com exceção de uma: a seriedade. E dessa maneira tornou-se sinônimo de convivência com o erro ou de intencional cegueira diante do que deve ser corrigido ou alertado. Ora, em Deus esse conceito apresenta um sentido bem diferente... No Evangelho do 21º Domingo do Tempo Comum, a bondade do Divino Redentor nos chama a atenção para os momentos sérios e determinantes que nos esperam por ocasião do juízo particular e universal.

Quanto maior a altura, maior é a queda. Quanto mais alto alguém se encontra na via da santidade, maior é o risco da menor concessão à tentação e ao pecado. Santa Teresa de Jesus viu o terrível local do inferno para o qual iria caso permanecesse no caminho da vaidade e da tibieza.¹

Nosso Senhor Jesus Cristo deixa claro no Evangelho que o importante não é saber se são muitos ou poucos os que se salvam, mas sim fazer todo o esforço possível para ser um deles. “Muitos tentarão entrar e não conseguirão” (Lc 13, 24) pois – mistério da infidelidade humana! – nem aqueles que comeram e beberam diante do Redentor e ouviram suas pregações (cf. Lc 13, 26), ou seja, participaram da Santa Missa, serão reconhecidos por Ele se, acomodando-se em seus defeitos e deixando a mudança de vida sempre para depois, não puserem em prática aquilo que receberam.

Com efeito, de tanto deixar para mais tarde, acaba “anoitecendo”... A imagem do dono da casa que se levanta para fechar a porta ao cair da noite (cf. Lc 13, 25) simboliza o momento em que Jesus assumirá a posição de Juiz: trata-se da “noite” individual – a

morte – ou universal – o fim da História –, após a qual as portas serão fechadas e se iniciará o juízo particular ou final.

Aqueles que, abafando a consciência, levaram uma vida de duplicidade e hipocrisia manifestarão, num primeiro momento, surpresa diante da negativa de Deus (cf. Lc 13, 25-26). Agirão assim porque de tal modo embruteceram sua consciência que se tornaram incapazes de reconhecer a própria maldade. Estes confirmam uma

verdade tantas vezes esquecida: ninguém consegue professar a Fé e viver de modo contrário durante muito tempo; em breve criará para si doutrinas que justifiquem sua má conduta...

Pelo Batismo fomos aceitos e amados pelo Pai Celeste como filhos, mas para cumprirmos nossa missão devemos nos deixar corrigir por Ele. Tal é o seu amor por nós, que nos entregou por Mãe e Advogada Aquela a quem Santo Agostinho chama de “forma de Deus”.² Se, renunciando

do sinceramente a nossos pecados, defeitos e caprichos, nos lançarmos com confiança nesse “molde divino”, entraremos sem dúvida pela porta estreita e não ouviremos do Divino Juiz a terrível sentença: “Não sei de onde sois. Afastai-vos de Mim todos vós que praticais a injustiça” (Lc 13, 27). ✠



Juízo Final - Museu dos Mestres Antigos, Bruxelas

A bondade do Divino Redentor nos alerta para o momento mais sério de nossas vidas, pois não devemos nos preparar para ele somente quando começar a “anoitecer”

¹ Cf. SANTA TERESA DE JESUS. *Libro de la vida*, c.XXXII, n.1-7.

² SANTO AGOSTINHO. *Sermo 208*, apud GARRIGOU-LAGRANGE, OP, Réginald. *La Madre del Salvador y nuestra vida interior*. 3.ed. Buenos Aires: Desclee de Brouwer, 1954, p.279.

Um Deus... manso e humilde?!

✠ Pe. Luiz Henrique de Oliveira Alves, EP



*A noção de
um Deus
Encarnado que
nos dá exemplo
de humildade
e mansidão
significou uma
verdadeira
mudança
de critérios
quando Nosso
Senhor a
pregou*

A Liturgia do 22º Domingo do Tempo Comum põe em realce um maravilhoso aspecto da Alma de Nosso Senhor Jesus Cristo, que a Aclamação ao Evangelho nos convida a imitar: “Aprende de Mim, que sou de manso e humilde coração” (Mt 11, 29).

Tal afirmação, que hoje pode até ser ouvida com alguma displicência e superficialidade, soou chocante numa era histórica em que os chefes das nações as tiranizavam (cf. Mc 10, 42), imperava a lei do mais forte, e os deuses pagãos levavam a manifestação dos vícios humanos ao paroxismo.

Durante toda a Antiguidade Clássica a generalidade das pessoas acreditou em alguma divindade e pululavam imagens de deuses idealizados para atender as mais diversas expectativas dos homens, de tal sorte que, segundo o satírico romano Petrónio, em Atenas era “mais fácil encontrar-se com um deus do que com um homem”¹.

São Tomás² nos ensina que pelo normal uso da razão o homem pode chegar à conclusão da existência de um Deus criador, mas jamais conseguiria saber como é esse Deus se Ele não Se revelasse.

Nesse sentido, Jesus Se manifesta muito paulatinamente, abrindo o entendimento dos que O escutavam para que pudessem compreender um Deus em tudo oposto à mentalidade dominante (cf. Mc 10, 43-45), e corroborando seus ensinamentos com numerosos milagres para que, afinal – enviado o

Espírito Santo –, eles verdadeiramente O conhecessem e amassem.

O Evangelho nos apresenta Jesus num banquete em que “notou como os convidados escolhiam os primeiros lugares” (Lc 14, 7). Com divina mansidão e maravilhoso charme, ensina-lhes inicialmente as vantagens humanas da prática da humildade: “Quando tu fores convidado para uma festa de casamento, [...] vai sentar-te no último lugar. Assim, quando chegar quem te convidou, te dirá: ‘Amigo, vem mais para cima’. E isto vai ser uma honra para ti diante de todos os convidados. Porque quem se eleva será humilhado, e quem se humilha será elevado” (Lc 14, 8-11).

Só depois lhes fala da recompensa na vida eterna: “Quando deres uma festa, convida os pobres, os aleijados, os coxos, os cegos. Então tu serás feliz! Porque eles não te podem retribuir. Tu receberás a recompensa na ressurreição dos justos” (Lc 14, 13-14).

Passados dois mil anos nosso Divino Modelo – contrariando, hoje, talvez mais especialmente a hipocrisia que a impiedade – mostra-nos que a verdadeira humildade não consiste em ter um bom conceito junto aos homens por meio de um afetado rebaixamento ou simplicidade, mas numa atitude habitual de gratidão e louvor pela qual se restitui ao Criador tudo aquilo que de suas mãos se recebeu.

Disso Ele nos deu exemplo ao reportar-Se continuamente ao Pai: “Dei-vos a conhecer tudo quanto ouvi de meu Pai” (Jo 15, 15); “Se não credes em Mim, credes ao menos pelas obras que o Pai Me mandou realizar” (Jo 10, 38).

Convido-te, caro leitor, a seguirmos juntos o caminho espiritual percorrido por Mons. João, fundador dos Arautos do Evangelho: maravilhemo-nos com Nosso Senhor Jesus Cristo, bem cientes de que a admiração torna quem admira semelhante ao admirado. ✠

Detalhe de “Jesus em casa de Simão, o fariseu”, por Frans Francken, o Jovem - Igreja de Nossa Senhora, Bruges (Bélgica)



¹ PETRÔNIO. *Satíricon*, n.17.

² Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, q.2, a.3.

DUPLA VOLTA À VIDA!

Corria o ano de 1849. O jovem Carlos, que frequentava o Oratório fundado por São João Bosco e contava então quinze anos, caíra gravemente enfermo e viu-se desenganado pelos médicos. Consternados com a notícia, os pais lhe perguntaram se desejava confessar-se. Sem hesitar, o rapaz pediu que chamassem Dom Bosco o quanto antes.

Correram ao Oratório, mas... o Santo encontrava-se fora de Turim. Apesar da aflição do jovem, não havia outra solução a não ser chamar outro sacerdote. Dois dias depois Carlos deixava esta vida.

Retornando ao Oratório e sendo informado dos insistentes chamados daquela família, Dom Bosco dirigiu-se apressadamente à sua residência.

Mal havia chegado, ele recebeu a notícia do falecimento. Contudo, limitou-se a dizer que o rapaz não havia morrido, mas estava apenas dormindo. Os parentes, chorando, insistiam de que o pequeno já estava frio e rijo, ao que o Santo, categoricamente, retrucava em sentido contrário.

Levaram-no, pois, ao quarto e, enquanto se aproximava lentamente do esquife, uma dúvida assaltou a mente de Dom Bosco: teria Carlos feito bem sua última Confissão?

Pediu que todos se retirassem e o deixassem a sós no quarto. Após ter rezado, abençoou o jovem e por duas vezes bradou:

— Carlos, Carlos, levante-se!

Diante da imperiosa ordem, o rapaz, como que despertando de um profundo sono, levantou-se e bem depressa reconheceu Dom Bosco. Começou a contar-lhe que tivera um terrível sonho: via-se à borda de uma fornalha cheia de carvão e de chamas. Muitos demônios o seguiam e procuravam agarrá-lo. Estando prestes a arrastá-lo naquela

Carlos havia ocultado um pecado grave em sua última Confissão...

Arrependido de seu procedimento, ele declinou novamente suas faltas, dessa vez integralmente e com real e sincero arrependimento. Em seguida, pediu a Dom Bosco que recomendasse muito e sempre a sinceridade na Confissão.

Por fim, o Santo perguntou-lhe se desejava continuar a viver ou ir para o Céu, cujas portas lhe estavam agora abertas. Sem duvidar, Carlos respondeu que para lá desejava ir. Deitando-se de novo e fechando os olhos, entregou definitivamente sua alma a Deus.

Que grande milagre pode operar uma única Confissão, feita com real sinceridade! Esse amoroso tribunal foi instituído por Nosso Senhor Jesus Cristo, que está ávido por perdoar quem reconhece com arrependimento e humildade as próprias faltas, e desejoso de sobre ele derramar todo o seu amor.

Contudo, quantos são aqueles que, em vez de abraçarem tal misericórdia, desprezam, rejeitam e, pior, até fazem mau uso desse inestimável Sacramento de perdão! Que nós, ao contrário, nunca nos afastemos da amizade com Deus, mas, se por desgraça cairmos no pecado, não hesitemos em correr pressurosos ao encontro d'Aquele que, apesar de ser Juiz, acolhe com amor divino quem a Ele se apresenta com coração contrito. ✚



Que grande milagre pode operar uma única Confissão, feita com real sinceridade!

São João Bosco - Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora, Turim (Itália)

voragem de fogo, eis que uma bela Senhora Se interpôs entre ele e os demônios, dizendo: “Deixai-o, não foi julgado ainda!”

Qual era, porém, o motivo de tão horrível “sonho”? Por vergonha,



Hóspede bendito, mediante o qual Deus nos visita

Aqueles que aceitam o sofrimento de forma consciente e clara, com boa disposição, encontram o segredo para penetrar na Alma de Nosso Senhor Jesus Cristo e unir-se mais a Ele.

✠ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

Certa vez chegou-me às mãos um artigo de jornal cujo tema era a solidão. Tratava-se de uma reportagem a respeito de um homem de fisionomia pouco acolhedora, que narrava suas preferências e estilos, afirmando ter tanto gosto pelo isolamento completo que optara por não se casar, pois sentia horror da vida em conjunto. Ele levava a existência sozinho, inteiramente fechado em si mesmo; não se interessava pelos outros e incomodava-se

quando alguém entrava em casa e tocava nos seus objetos...

Ao ler tais afirmações, logo lembrei-me de Dona Lucília. Que extremo oposto! Aos noventa e dois anos de idade, ela se preocupava com as pessoas que vinham visitar seu filho, porque muitas vezes tinham de aguardar para ser atendidas. Então, a fim de evitar que se afligissem pela demora, ela as convidava a entrar na sala, para fazer-lhes um pouco de companhia e assim lhes tornar mais suave a espera.

Em que reside a diferença entre esses dois tipos de almas?

Duas posições de alma diante da dor

Ao analisar sua atitude perante o próximo, percebemos haver duas posições distintas ante a dor. A primeira é a daquele que evitou a cruz, por julgá-la indesejável, e se apegou ao gozo da vida, procurando para si somente o mais agradável; ou seja, trata-se do egoísta. A segunda, pelo contrário, é a de quem havia abraçado a cruz com vistas ao bem do próximo. Poderia ser que em certos dias Dona Lucília se sentisse mal ou não tivesse dormido à noite e gostaria de permanecer recolhida; mas se esforçava em dar-se aos outros por inteiro, porque os amava como a si própria.

Ai daqueles que são insensíveis às misérias e necessidades de seus semelhantes, e procuram escapar do sofrimento que devem enfrentar! Estes, se vivem em paz, estão iludidos; e a ilusão será o seu castigo. Cedo ou tarde a cruz, aumentada, correrá atrás deles, e acabarão tendo de carregar no seu caminho outra maior do que aquela que lhes cabia. E, depois de passar a vida entre desgostos e pseudoalegrias, irão muito provavelmente para o lugar do



Reprodução

Há um tipo de alma que vive fechada em si mesma, sem importar-se com os outros, buscando o gozo da vida e sendo avessa a qualquer sofrimento

“O pintor”, por Aleksey Mikhailovich Korin - Galeria Tretyakov, Moscou

eterno sofrimento, onde tudo é amargura e louca frustração.

Alguém, entretanto, poderia levantar a seguinte dúvida: bastará ter gozado de certo bem-estar neste mundo ou de uma grande consideração perante os demais, para ser merecedor de uma pena infinita?

Não. O problema não consiste em ter posses ou boa condição. A riqueza, a fartura, a carreira, a alegria, o prestígio ou a admiração alheia não são, de si, elementos de condenação, mas, pelo contrário, dons de Deus, os quais cabem perfeitamente até na vida de um Santo. O erro está no modo como a pessoa os aprecia e na intenção com que os procura.

Os voluptuosos, cheios de orgulho e sensualidade, que praticam a injustiça e vivem no gozo permanente, desprezando as leis e revoltando-se contra Deus, estes sim tornam-se réus de maldição, conforme as palavras de Nosso Senhor no Evangelho: “Ai de vós, ricos... Ai de vós, que estais fartos... Ai de vós, que agora rides... Ai de vós, quando vos louvarem os homens...” (Lc 6, 24-26). Voluntária e advertidamente, eles sacrificaram no altar dos lucros da terra todos os bens eternos que receberiam na pátria celestial.

Aqueles, porém, que aceitam a dor de forma consciente e clara, com boa disposição de alma, encontram o segredo para penetrar na Alma de Nosso Senhor Jesus Cristo e, a cada vez que passam por algum sofrimento, sabem estar mais unidos Ele.

Benefícios do sofrimento

Ora, podemos nos perguntar por que a dor é tão necessária. Uma das razões está em que, sem ela, a criatura facilmente esquece sua contingência e fecha-se em si mesma.

Muitas e muitas pessoas que gozam de uma vida plena de satisfação e delícias – sobretudo no mundo moderno, provido de máquinas que funcionam de forma esplêndida e imerso no clima inteiramente colorido dos enredos ci-



Sérgio Myasaki

Outras almas, porém, são generosas na aceitação da dor e sabem unir-se mais a Deus a cada sofrimento pelo qual têm de passar

Mons. João em 1997

nematográficos e da mentalidade do *happy end* – habituariam-se à ideia de que tudo corre do melhor modo possível e vão adquirindo a tendência de se julgarem deuses.

Assim aconteceu com os anjos maus, que quiseram tomar conta do trono do Altíssimo logo após sua criação (cf. Is 14, 13-14), e também com nossos primeiros pais, ao desejarem ser como deuses (cf. Gn 3, 5).

Outra razão pela qual a Providência permite que sejamos provados é para não virmos a cair no relativismo e na negligência, por falta de vigilância. Uma vez que estamos numa terra de desterro, onde devemos praticar as virtudes com força, Deus quer que nos tornemos batalhadores firmes, para dar-nos mais méritos.

Nos Evangelhos encontramos alguns episódios que servem de lição nesse sentido.

As “esporas” da dor

São Mateus narra que, estando Jesus à mesa com publicanos e pecadores, apresentou-se o chefe da sinagoga no salão do banquete para falar com Ele (cf. Mt 9, 18). Ora, sabemos

que aos olhos dos fariseus, estritos formalistas, misturar-se com pecadores era algo ignominioso, e eles censuravam Nosso Senhor e os Apóstolos por tomarem refeição com gente assim.

O que moveu aquele homem de elevada condição, cuja função consistia em instruir o povo no respeito à Lei, a afrontar a Opinião Pública e procurar o Divino Mestre em tais circunstâncias? Não poderiam os fariseus – seus próprios subalternos! – acusá-lo de transgredir os costumes e as proibições morais? Não deveria ele ficar à porta e, com a autoridade que Lhe conferia seu alto título de proeminência, mandar um empregado até Jesus para Lhe pedir que saísse? Ele enfrentou o ambiente que o cercava e teve um diálogo com Nosso Senhor no salão do banquete. Por quê? Porque seu coração estava transpassado por uma cruel aflição: sua única filha, criança de doze anos a quem ele amava, encontrava-se mal à morte.

É inegável que ele possuía uma fé incipiente e que a fama dos numerosos milagres do Salvador, sua luminosa santidade e sua atraente bondade o haviam tocado interiormente. Mas foi a tormenta e a provação que



O sofrimento possui um papel essencial na vida do homem pois, além de purificá-lo e elevá-lo, faz com que ele busque o seu Criador

Ressurreição da filha de Jairo e cura da hemorroíssa - Igreja de Santo André, Nuthurst (Inglaterra)

solidificaram a confiança em sua alma e fizeram-no passar por cima dos escrúpulos. Se não atravessasse aquela vicissitude, ele não iria prostrar-se diante de Nosso Senhor e implorar: “Vem, impõe-lhe as mãos e ela viverá” A desgraça fez-lhe o benefício de tirar as escamas de seus olhos e os abrir.

Pouco mais adiante encontramos no Evangelho a cena da hemorroíssa que havia doze anos estava enferma e obteve de Nosso Senhor a cura súbita (cf. Mt 9, 20-22). O magnífico ato de fé praticado por ela marcou a História e beneficiará a humanidade até o fim do mundo.

Essa senhora, que tomou atitude tão excelente, teria acotovelado a multidão e se esgueirado no meio daquela gente, passando pela tensão de ter que ocultar sua situação humilhante, segundo os conceitos daquele tempo, se não fosse o mal que a torturava? Teria ela tocado no manto do Grande Taumaturgo com um ímpeto desconhecido, misterioso, quase incompreensível, que só mesmo a dor, o sofrimento e a contingência inspiram?

Nela, como no caso do chefe da sinagoga, dois valores se somavam: de um lado, a necessidade e a angústia; de outro, a fé, a esperança e a caridade. No entanto, quando estas são inconstantes e imperfeitas, não há outro recurso: é preciso o estímulo das esporas da dor para pô-las em movimento.

O sofrimento nos leva a procurar a Deus

Compreendemos a fundo, nesses dois exemplos, o papel de suma importância que o sofrimento joga na vida. A dor corrige os pensamentos dissimulados, modifica os preconceitos e os critérios errados; liberta a alma do amor-próprio e dos falsos pontos de honra; faz evaporar as cóleras e os rancores, impostando o espírito em consonância com o objetivo verdadeiro. A dor ilumina o homem para ter consciência – e até convicção – de sua debilidade; ela o torna humilde e o ajuda a adquirir a seriedade.

Como é admirável a sabedoria de Deus na marcha dos acontecimentos! Quanto benefício fez a dor na face da terra! Quantas graças não foram obtidas por sua causa! Quantas vezes os traços negros do insucesso bem aceito se transformaram em luzes douradas! E quantas vezes as lajes frias de uma catedral, de uma igreja ou de um oratório foram aquecidas pelos joelhos daqueles que sofrem! Se não houvesse padecimentos, essas pedras seriam frequentadas apenas de vez em quando, numa rápida genuflexão...

A dor é um hóspede bendito, um elemento de amizade, um dom de Deus através do qual Ele muitas vezes nos visita. Ela faz o homem dobrar os joelhos e ali permanecer, ali implorar, ali voltar-se para o Senhor, ali unir-se a Ele. A dor ajuda a criatura a levantar as mãos à busca do Criador e juntá-las para pedir-Lhe que a arranque da sua insuficiência e a conduza aonde o perfeito amor a levaria.

Um meio de provar nosso amor

Encontramos aqui mais uma razão para Deus nos enviar provações: proporcionar-nos a ocasião de Lhe mostrarmos por atos e gestos concretos, praticados com desapego e total desinteresse, que verdadeiramente O amamos.

O amor está acima de tudo; ele é mais forte do que a dor. Um grande amor vale mais do que uma grande dor.

Nosso amor deve ser tal que as enfermidades, os reveses de fortuna, as calúnias, os maus-tratos, o trabalho excessivo, os desgostos e contratempos nas obras de apostolado, as ingratidões, as aridezes espirituais... enfim, todos os sacrifícios que nos sejam mandados pela mão da Providência, os recebamos de bom grado, com coragem e grandeza de ânimo, porque assim nossa intimidade e união de alma com Nosso Senhor Jesus Cristo crescerá e acrisolar-se-ão nosso entusiasmo e fervor.

Eis o sustentáculo da nossa vida interior: uma renúncia completa, cheia de

felicidade; um tormento delicioso; drama e ventura entrelaçados, avivando-se um ao outro em vez de se excluírem! Pois o que importa é ter esse amor, sabendo consultar, antes de tudo e em todas as circunstâncias, os interesses divinos acima dos nossos caprichos e preferências, dispostos a nos deixarmos crucificar, se preciso for. Tendo amor, nada nos faltará e conquistaremos a glória.

O Filho sofreu porque o Pai queria dar-Lhe toda a glória

Antes de mais nada, devemos ter presente o exemplo de Nosso Senhor Jesus Cristo. Durante sua vida terrena Ele encontrou entre o povo judeu uma completa falta de repercussão ao anúncio do Reino de Deus, que mais tarde culminou na Paixão.

Neste supremo transe Ele enfrentou as dores da flagelação, da coroação de espinhos e da perfuração dos cravos. Ele foi transformado num verme, e tantas eram as feridas abertas em seu Corpo que se podiam contar todos os seus ossos (cf. Sl 21, 7.18). Após a morte, transpassaram-No com uma lança, de modo que não restou sangue em seu Corpo.

E ainda houve um tormento pior do que os físicos: Ele foi apresentado diante daquela população, dos soldados e dos carrascos enquanto um criminoso, carregado dos pecados de toda a humanidade. E Jesus aceitou essas injúrias como merecidas, sem nenhuma reclamação ou revolta, sem nenhuma mostra de insatisfação.

Se qualquer gesto seu, até mesmo um piscar de olhos, tinha dimensão infinita e seria suficiente para reparar todas as faltas cometidas contra Deus, por que, então, suportou em Si todas essas chagas? Por que Ele, o Supremo Bem, teve de entregar o seu Sangue e morrer na Cruz, entre dois ladrões? Por que o Pai não Se comoveu ao ouvir a oração que o Unigênito Lhe dirigia

em sua natureza humana: “Se for possível, afastai de Mim esse cálice. Mas faça-se antes vossa vontade e não a minha” (Mc 14, 36)?

Porque, tendo o Filho Se encarnado para operar a Redenção, o Pai queria para Ele, enquanto Homem, todos os méritos. E era passando por esta hora terrível, na qual o poder das trevas parecia vencer, e sentindo-Se abandonado pelo próprio Deus que Ele, depois do brado triunfal, “*Consummatum est*”, alcançaria a glória plena e total.

Cumpriam-se então suas divinas palavras: “É chegada a hora de o Filho do Homem ser glorificado. Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, caído na terra, não morrer, fica só; se morrer, produz muito fruto” (Jo 12, 23-24). Da semente do isolamento, do insucesso e da aparente falência, lançada no fundo da terra, haveriam de brotar verdadeiras maravilhas de santidade ao longo dos séculos, as quais são, entretanto, tímidos dilúculos daquelas que ainda virão no futuro.

Abracemo-nos a Nossa Senhora para sofrer com alegria

Quando nos depararmos com as dificuldades e sentirmos as garras do sofrimento nos colher; quando nos atingirem as catástrofes, os dramas e as tragédias; quando formos malsucedidos; quando encontrarmos diante de nós obstáculos de ordem natural e preternatural, não devemos nos assustar nem nos admirar.

Longe de tomar em face da dor uma atitude covarde, caindo interiormente no desânimo ou até na murmuração contra Deus, ajoelhem-nos e bendigamos todos os males e sofrimentos que vêm sobre nós. A exemplo do Redentor, peçamos forças para sorver até a última gota do cálice da dor e para ter a coragem do cavaleiro que, sem nunca recuar, leva sua cruz até o fim.

Na medida em que a terra, o pó e o negrume caírem sobre nós, poderemos germinar e participar dessa fecundidade de Nosso Senhor e da capacidade divina que Ele deu a Maria, aos pés da Cruz, de frutificar como Mãe. A Ela, semente pequena e à primeira vista desprezível, tão apagada e pouco comentada, foi entregue a humanidade inteira como filha, na pessoa de São João (cf. Jo 19, 26).

Abracemo-nos a Nossa Senhora para sofrer com alegria e chegarmos rapidamente às riquezas e maravilhas sobrenaturais, junto às quais conheceremos “a largura, o comprimento, a altura e a profundidade” (Ef 3, 18) do amor de Jesus. Que nossa vontade se enamore num místico inebriamento de amor pela cruz! Que ela seja, de hoje em diante, nossa bandeira, o estandarte que nos enleve e embriague até o último suspiro da vida!

A previdente bondade de Deus ficará mais clara quando as nuvens da tormenta passarem e enxergarmos o límpido firmamento de uma noite estrelada, ou melhor, o céu azulado de um sol que começa a nascer para a implantação do Reino de Maria! ✠

Excertos de exposições orais proferidas entre os anos de 1990 e 2009



○ sofrimento – Uma explicitação pliniana: a “sofritiva”

Aprender a sofrer

O mito da felicidade terrena sem padecimentos é, para Dr. Plínio, uma das maiores causas dos desequilíbrios psíquicos contemporâneos. Só a visão católica sobre o sofrimento pode confortar plenamente a alma humana.



✠ Pe. Leandro Cesar Ribeiro, EP

É vastíssima a bibliografia a respeito do tema *sofrimento*. Rios de tinta, sacra e profana, correram junto aos rios de sangue, suor e lágrimas derramados pelos homens desde a saída de Adão e Eva do Paraíso Terrestre. Descobrir a origem do universo, de onde viemos e para onde vamos, foi sempre a pergunta ingente. Mas reconhecer a origem e as finalidades de nossos sofrimentos e aprender a suportá-los nos parece igualmente importante.

A noção católica do sofrimento é incomparável: foi ensinada pelo próprio

Deus crucificado que Se fez pecado por nós (cf. II Cor 5, 21) – eis a origem mais evidente do sofrimento, o castigo pelo pecado original –, e que nos revelou a sua suprema finalidade: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos” (Jo 15, 13).

Destilando da doutrina sagrada o néctar mais precioso e expondo-o à luz de seu dom de sabedoria, Dr. Plínio Corrêa de Oliveira descreveu a alma humana posta ante esta perspectiva e, para isso, cunhou o termo “sofritiva”.

Baseados, assim, em trechos de diversas conferências por ele proferidas

entre os anos de 1960 e 1990, convidamos o leitor a considerar, *à vol d’oiseau*, algumas de suas explicitações a esse respeito.

A “sofritiva”

Uma reflexão mais profunda sobre o tema iniciou-se quando Dr. Plínio tinha apenas doze anos de idade, ao observar o singular efeito equilibrante e ordenativo que o sofrimento exercia na alma de sua mãe, Dona Lucília.

Mas foi deparando-se com a trágica figura bíblica do santo Jó que, ainda na mocidade, ele criou a mencionada expressão.¹

A “sofritiva” é, pois, “um certo limite que está na natureza do homem, além do qual Deus não lhe pedirá nada, porque o fez circunscrito a ele e, se exigisse mais, dilaceraria sua criatura. [...] Foi esse limite que Satanás não pôde transgredir, senão Jó morreria. Foi esse limite que Deus também respeitou...”² Neste sentido, a “sofritiva” de Jó – ou seja, sua capacidade de sofrer – foi levada até o fim, atingiu seu ápice.

Ora, “debaixo de um certo ponto de vista cada homem, em relação à sua própria ‘sofritiva’, é um Jó. E Deus, quando se trata de um homem reto e bom, o faz sofrer em quase toda a medida de sua ‘sofritiva’”.³

A noção católica do sofrimento é incomparável: foi ensinada pelo próprio Deus crucificado, que Se fez pecado por nós

Crucifixão de Nosso Senhor - Igreja da Santa Cruz, Kiefersfelden (Alemanha)





Jó na miséria, por Jean Fouquet - Livro das Horas de Étienne Chevalier, Museu Condé, Chantilly (França)

Portanto, Ele fixa tais limites para que os homens possam colaborar com o plano da salvação. De alguns diz: “Notaste o meu servo Jó?” (cf. Jó 2, 3). E usa os méritos destes em união com o Sangue Preciosíssimo de seu Divino Filho. Dr. Plínio exemplifica: “Quando as almas chamadas a essa doação dão tudo num país, levanta-se desse país até o trono do Altíssimo um incenso de odor agradável que O inclina a fazer aquilo que elas desejam”.⁴ Há, assim, “uma ação dos homens para fazer recuar e avançar o plano divino na História que depende muito da ação humana... Deus como que Se deixa condicionar pelos homens”.⁵

Uma “fraude psíquica”: o mito da vida sem sofrimento

A “sofritiva”, entretanto, não é uma postura meramente passiva, como poderia parecer à primeira vista. Todos os homens – mesmo os mais avessos à dor – não só carregam em suas almas essa capacidade para o sofrimento, como também possuem, em

virtude dela, uma real necessidade de sofrer, conatural à condição humana.

Como nos explica Dr. Plínio, é um mito pensar que se pode organizar, nesta terra, uma vida sem padecimentos. Tal mito se baseia na ignorância deste fato fundamental, centro da psicologia humana: “Em cada alma humana, em virtude do pecado original, existe uma como que ‘sofritiva’ [...]. Quer dizer, uma como que necessidade-capacidade de sofrer que, quando não se esgota pelo sofrimento efetivo, causa uma frustração maior e faz sofrer mais do que o próprio sofrimento. De maneira que, em última análise, o modo menos desagradável de levar a vida ainda consiste em sofrer”.⁶

Tais afirmações parecem deitar luz sobre uma centena de transtornos que afligem o homem contemporâneo, tão pouco habituado a aceitar a dor como uma forçosa companheira de sua existência terrena.

“Eu acho”, continua Dr. Plínio, “que uma das razões profundas dos desequilíbrios modernos não está tanto

Foi deparando-se com a trágica figura bíblica de Jó que Dr. Plínio criou a expressão “sofritiva”, a qual consiste na capacidade do homem de sofrer

em as pessoas não sofrerem; porque sofrem e sofrem muito. Mas em elas acabarem formando na mente a ideia de que é possível levar uma vida sem sofrimento. E depois em inaugurarem uma série de fraudes psíquicas para viver como se não sofressem. Então se estabelece um regime de tapeação eterna, um regime de falseamento psicológico, cujo efeito é necessariamente um desequilíbrio mental”, pois “a felicidade da vida consiste em sofrer com conta, peso e medida em vista de um determinado fim e em ter o bom sofrimento que justifica esse fim”.⁷

E conclui Dr. Plínio: “Quer uma vida de inferno? Eu dou a receita logo: evite sofrer”.⁸

O sofrimento é inerente à condição humana

As descrições do Gênesis nos apresentam o homem no Paraíso isento de qualquer forma de dor. Nenhum arranhão, insônia ou constipação o ameaçam. Nem mesmo a morte o atemoriza, pois os dons de impassibilidade e de imortalidade concedem a Adão e Eva uma natureza realmente excelsa.

Mas um sofrimento, sim, havia, segundo Dr. Plínio: o próprio estado de prova.

Claro está que a condição de sofredor foi muito acrescida após o pecado original, mas, independentemente deste, o homem “foi criado em estado de prova e o normal é que, em consequência, haja no fundo do seu ser algo



Mãe junto ao leito do filho, por Albert Anker

que o faça sentir obscuramente que, se não for provado, não viveu. E, por causa disso, ele ao mesmo tempo tem horror à prova e sente necessidade dela”.⁹

Perguntava-se então Dr. Plínio se Adão e Eva, e até os próprios Anjos, tinham conhecimento da iminência da prova. E respondia que, se a conhecessem, “teriam desejo de que chegasse a hora, para que na dor da prova – não seria prova se não houvesse uma dor a ser aceita – pudessem alcançar uma perfeição de ordenação que lhes era necessária para serem eles mesmos”.¹⁰ Para Dr. Plínio¹¹ a prova dos Anjos, por exemplo, era imprescindível a fim de que os espíritos angélicos adquirissem o grau de perfeição para o qual tinham sido criados.

As razões acima enunciadas já seriam, de si, suficientes para demonstrar o desacerto, hoje infelizmente tão generalizado, que há numa educação realizada fora da perspectiva do sofrimento. Quantos pais – para tratarmos apenas da vida familiar – poderiam evitar frustrações imensas aos seus filhos se não lhes fomentassem falsas ilusões a respeito das dificuldades e durezas inevitáveis na existência humana.

“Quando amamos muito alguém, temos uma espécie de gosto virtuoso de sacrificar em benefício dele algo que para nós significa muito”

O amor e a cruz

Uma vez herdeiros do pecado original e portadores de culpas atuais, a nossa “sofritiva” – para já empregarmos livremente o termo cunhado por Dr. Plínio – possui um caráter expiatório e reparador. Mas há também um outro aspecto que é preciso salientar.

Quem ama o bem, sofre. E sofre “como uma prova de amor a Deus generosa, desinteressada, porque não há manifestação de amor sem o sofrimento”.¹²

Sabemos, pois, que os sofrimentos expiatórios do Divino Redentor – a maior prova de amor que Ele nos poderia oferecer – serviram para o resgate de toda a humanidade. Tiveram, por-

tanto, um caráter reparador por excelência e significaram o auge do amor de Deus, amor incompreensível, desproporcional, inabarcável, por suas pobres criaturas.

É bem este o “caráter sacrificial” da dor, muito simbolizado nos holocaustos da Antiga Lei: “Quando amamos muito alguém, temos uma espécie de gosto – um gosto reto, virtuoso, conforme à boa ordem das coisas – de sacrificar em benefício dele algo que para nós significa muito”.¹³

Quem não admira a postura de um pai de família que trabalha duramente para garantir o sustento de seus filhos e sua esposa? E quem não se comove ao contemplar uma boa mãe que sacrifica suas horas de sono junto ao leito de um filho doente, esquecida por completo de si mesma e disposta a quaisquer sacrifícios pelo bem do pequeno? Tais exemplos nos ajudam a perceber que mesmo os fatos corriqueiros de uma vida comum podem se adornar com notas de nobreza e heroísmo, desde que se saiba abraçar com amor a cruz que Deus nos põe sobre os ombros.

Quanto e como sofrer?

Se fugir do sofrimento é um grave engano, também o é correr atrás dele sem a medida da prudência. Procurando cumprir nossos deveres enquanto pais, filhos, religiosos, professores, alunos, esposos – seja qual for a nossa condição –, o Senhor nos enviará os padecimentos na proporção necessária para a nossa santificação. O Deus que fere, cuida da ferida (cf. Jó 5, 18). Em outras palavras: Ele envia a enfermidade e prepara o leito.

Sofrer com espírito católico é ter o coração confiante e saber regozijar-se com as consolações, como verdadeiros filhos de Deus. O convívio familiar, os deleites lícitos dos sentidos, a formosura da natureza, os atrativos espirituais da arte são sorrisos do Criador para conforto das almas neste vale de lágrimas.

Sobretudo, por mais que os desígnios específicos de Deus nos sejam misteriosos, compreendendo as razões mais elevadas de tudo quanto ocorre em nosso itinerário terreno acabaremos por ver na dor uma fonte de felicidade.

Há uma grande sabedoria na aceitação dos sofrimentos. E não nos referimos principalmente aos grandes padecimentos. Impor-se limites na alimentação, não querer ser admirado, aceitar em silêncio pequenas humilhações, não procurar sempre o maior conforto, fazer este ou aquele esforço físico dispensável... quanto cresceríamos se aproveitássemos bem essas ocasiões para mortificar o nosso egoísmo!

Por outro lado, muitos fogem do sofrimento tão benéfico de uma pequena meditação, da libertação do corre-corre para obter alguns minutos de silêncio que, rapidamente, se tornam tão deleitáveis. Outros escapam da dor através de um “otimismo sistemático”

Em suma, sofrer bem confere nobreza, ordena a mente, dá sentido à vida, repara as nossas ofensas, restitui a inocência e permite mostrar nosso amor

e vivem como se o mal e o erro não existissem, chegando a uma tal falta de perspicácia e lucidez que Dr. Plínio não hesita em qualificar de “obesidade mental”.¹⁴ Outros ainda, no lar ou na escola, fracassam na sagrada missão de ensinar por seguirem o princípio de que nunca se deve fazer sofrer e abandonarem, assim, uma saudável disciplina e exigência...

Pedir a graça de sofrer

Em suma, sofrer bem confere nobreza e garante oxigênio para a virtude, ordena a mente e inspira bom gênio e humor, dá sentido à vida, repara as nossas ofensas, restitui a inocência, permite mostrar nosso amor, obtém graças

para o Corpo Místico de Cristo e move a História da humanidade.

Fujamos desta grande fraude moderna: o mito da felicidade terrena isenta de dores e de luta.

E concluimos com esta belíssima reflexão de Dr. Plínio: “Se alguém quer ter ideia de até que ponto Deus o ama, deve medi-lo pela quantidade de sofrimento que recebe. E se recebe pouco, deve dizer a Nossa Senhora: ‘Minha Mãe, eu posso muito pouco, sou pernibambo, mas, na medida de minha fraqueza, não Vos esqueçais de mim. Porque ninguém sabe, a viver eu eternamente sem sofrimento, que contas prestarei a vosso Divino Filho’”.¹⁵ ❖



Santa Teresinha do Menino Jesus em agosto de 1897

Reprodução

¹ Dr. Plínio justificou, numa conferência de 23 de maio de 1964, a escolha do termo “sofritiva” pela semelhança fonética com a palavra “cogitativa”, potência da alma da qual trata São Tomás de Aquino no âmbito do que hoje se considera sua teoria do conhecimento, responsável por captar os objetos não sensíveis, como o útil ou o nocivo.

² CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 30/4/1995.

³ Idem, ibidem.

⁴ Idem, ibidem.

⁵ Idem, ibidem.

⁶ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 23/5/1964.

⁷ Idem, ibidem.

⁸ Idem, ibidem.

⁹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 26/2/1986.

¹⁰ Idem, ibidem.

¹¹ Cf. CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 30/10/1974.

¹² CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 23/5/1964.

¹³ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 3/7/1982.

¹⁴ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 23/5/1964.

¹⁵ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 21/1/1970.



Chamados a ser corredentores!

O Homem-Deus precisa de colaboradores que completem sua Paixão? Podemos, de fato, consolá-Lo em suas dores, mesmo vivendo séculos depois de sua Ascensão ao Céu?



✠ Ir. Maria Teresa de Melo Aquino

Corria o ano de 1177. Antes da batalha de Montgisard, o sublime gesto de um rei confortou Nosso Senhor Jesus Cristo e conquistou a vitória para os cristãos.

Quando o exército inimigo foi avistado, Balduíno IV não temeu diante da terrível e evidente desproporção de forças, de um cruzado para mais de cem maometanos. Contava ele tão somente dezesseis anos e, nessa juveníssima idade, já se encontrava consumido pela lepra. Apeando-se de seu cavalo, prostrou com o rosto em terra, aos pés da relíquia da verdadeira Cruz que precedia seus combatentes, para implorar a proteção do Salvador. Ao se reerguer, todos viram que suas faces,

tumefactas pela doença, estavam banhadas em lágrimas.¹

Ao tomar conhecimento deste fato, Dr. Plínio Corrêa de Oliveira comentou: “Nosso Senhor Jesus Cristo, pregado na Cruz, conhecia todo o futuro. E, no meio das tristezas sem conta que esse futuro Lhe causava, sabia o destino que teria cada fragmento daquela Cruz que Ele estava tornando sagrada pelo seu Sacrifício. [...] O Divino ‘Leproso’ [...] previu que um dos fragmentos dessa Cruz seria adorado por um filho leproso, no deserto. [...] Ele viu a adoração ‘angélica’ daquele homem e Se consolou. [...] Balduíno arrancou algo à maneira de um sorriso dos pobres lábios ‘leprosos’ de Nosso Senhor expirante”.²

Deixemos em suspense esta cena pungente e contemplemos outra. Ago-

ra, não mais numa arena de guerra, mas em diferente campo de batalha: um mosteiro.

Sóror Josefa Menéndez, que viveu em fins do século XIX e inícios do século XX, foi uma alma favorecida por frequentes visões de Nosso Senhor. Numa dessas ocasiões, Ele mostrou à vidente seu Divino Coração com três novas feridas, e explicou que vinha pedir para, por meio de sacrifícios e orações, ela Lhe devolver três sacerdotes que O haviam abandonado. A religiosa passou dias imersa em grandes sofrimentos e tudo ofereceu até reconquistar aquelas almas.³

Se meditarmos um pouco nesses dois episódios, certamente algumas indagações se levantarão em nosso interior, tais como se não foram suficientes os sofrimentos padecidos pelo Homem-Deus para, ao longo da História, Ele precisar de colaboradores que completem seu Sacrifício redentor. Podemos, de fato, consolá-Lo em sua Paixão, mesmo vivendo séculos depois de sua Ascensão ao Céu?

Do alto na Cruz, Nosso Senhor viu e foi consolado pela adoração prestada por Balduíno antes da batalha

“Batalha de Montgisard”, por Charles-Philippe Larivière - Palácio de Versailles (França)



Chamados a ser corredentores

Quando percorremos a vida dos Santos, podemos constatar como o Reino do Céus está povoado de homens e mulheres de todas as raças, nações, línguas e idades. Nesta terra foram eles nobres ou humildes servidores; alguns dotados de indizível sabedoria, outros quase ignorantes. O magnífico jardim do Senhor, na bela expressão de Santo Agostinho,⁴ é composto não apenas pelas rosas dos mártires, mas também pelos lírios das virgens, a hera dos casados, a violeta das viúvas; e nesta diversidade encontramos um denominador comum que não faltou a nenhum bem-aventurado: o amor ao sofrimento.

Cada qual em sua época, conforme seu estado, sua vocação, seus carismas e dons, seguiu com inteira fidelidade o mandato de Nosso Senhor: “Se alguém quer vir após Mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz todos os dias, e siga-Me” (Lc 9, 23). E agora pode ser reconhecido pelo insigne título de *corredentor*.

Corredentor? Sim – não é exagero! – e isso não se aplica somente àqueles que já fazem parte da Igreja Gloriosa, mas se trata de um convite para cada um de nós. Em sua obra *Jesucristo y la vida cristiana*, o Pe. Royo Marín⁵ discorre com sua característica clareza e simplicidade sobre este tema, como veremos a seguir.

O sacerdócio de todo batizado exige o sacrifício

O ato essencial de todo sacerdote é o sacrifício. Nosso Senhor Jesus Cristo, Sumo e Eterno Sacerdote, exerceu-o imolando-Se no altar da Cruz; seus ministros, sacerdotes por participação no sacerdócio d’Ele mediante o Sacramento da Ordem, desempenham esta função primordialmente na Celebração Eucarística, que é a renovação

Reprodução



Deus dispôs que os batizados completassem, por meio de seus padecimentos, a missão salvadora do Verbo Encarnado

Sóror Josefa Menéndez

incruenta do Sacrifício do Calvário. E como isso se dá com os demais fiéis que, de alguma forma, participam também do sacerdócio de Cristo pelo Batismo?

Assim como Deus confiou aos homens a missão de completar as belezas da criação, sem que com isso pudéssemos excogitar terem sido elas malfeitas, dispôs Ele igualmente que os batizados completassem, por meio de seus padecimentos, a missão salvadora do Verbo Encarnado, segundo as palavras de São Paulo: “Completo na minha carne o que falta aos sofrimentos de Cristo, pelo seu Corpo, que é a Igreja” (Col 1, 24).

A Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo tem méritos infinitos e é inteiramente suficiente para resgatar todo o gênero humano. Sob este aspecto, ninguém pode acrescentar nada a ela. Mas, por indizível bondade, o Salvador “quer ser ajudado [...] na realização da obra da Redenção”⁶ e, por isso, oferece aos batizados uma quota neste resgate.

“Completo na minha carne”

Este *completar* a Paixão pode se dar de duas maneiras:

Primeiro, pela *aplicação dos méritos da Paixão*. Nosso Senhor confiou à Igreja o imenso tesouro da Redenção, e para distribuí-lo quer Ele não apenas a participação de sua Divina Esposa, mas o contributo dos batizados: “A salvação de muitos depende das orações e dos sacrifícios voluntários, feitos com esta intenção, pelos membros do Corpo Místico de Jesus Cristo”.⁷

Ademais, por meio dos *padecimentos dos próprios membros do Corpo Místico*. Jesus, ao Se oferecer como vítima no Calvário, o fez enquanto Cabeça de seu Corpo Místico, apresentando ao Pai todos os demais membros, e por isso sua Paixão continua neles ao longo dos tempos. “Ele nos contemplava em cada momento de nossa vida; conhecia nossas

atitudes, nossas resoluções, nossas faltas, nossas preces. Nada escapava a seu olhar. [...] Jesus Cristo, nossa adorável Cabeça, era consolado e sustentado pelo espetáculo de todos os seus membros, que no transcurso dos séculos colaborariam com os seus sofrimentos. Nesta intimidade de pensamentos com todos nós, Ele padeceu seu horrendo martírio. [...] Para Deus, ante o qual tudo aparece como um eterno presente, a homenagem da Vítima santa se apresentava acrescida por todas as expiações do futuro”.⁸

Nenhum sofrimento tem, por si só, poder santificador. No Calvário, além do Redentor, estavam outros dois sentenciados, e sabemos quais foram as atitudes do mau ladrão que ali blasfemava (cf. Lc 23, 39). Se olharmos ao nosso redor, vemos sofrimento em toda parte, mas isso não significa que o mundo esteja repleto de Santos. A única dor capaz de santificar é aquela suportada pacientemente por amor a Deus e em união com os infinitos

méritos de Nosso Senhor. Infelizmente, incontáveis são as almas que desconhecem o valor e a sublimidade da dor enfrentada desta forma!

“Pelo seu Corpo, que é a Igreja”

No corpo natural cada parte visa o bem-estar de todo o conjunto; na Santa Igreja, de modo análogo e mais sublime, existe também uma mútua dependência entre os membros. É o que se chama a Comunhão dos Santos: o mérito adquirido por um membro enriquece toda a Igreja e, *contrário sensu*, toda graça coarctada em alguma parte deste Corpo Místico o afeta em sua totalidade.

Deus concede a todos os meios necessários para alcançar o Céu. Porém, muitas vezes Ele condiciona as graças superabundantes – que conferem a estes meios a sua eficácia – à cooperação dos méritos de outros.⁹ Nesse sentido, tanto podemos ser ocasião de graça para os outros, quanto devemos estar abertos às graças que Deus nos quer conceder através de intercessores que Ele mesmo põe em nosso caminho.

É também por este motivo que os atos e, sobretudo, os sofrimentos de cada batizado, quando oferecidos em união com os méritos infinitos da Paixão de Cristo, podem ter valor expiatório, para os próprios pecados, e corredentor, para auxiliar os demais membros do Corpo Místico. E

é deste modo que se pode realmente consolar Nosso Senhor em seus padecimentos e auxiliá-Lo na salvação das almas.



Gustav Kralj

Nossos sofrimentos, quando oferecidos em união com os méritos infinitos da Paixão de Cristo, podem ter valor expiatório e corredentor

Cristo crucificado e São Francisco de Assis - Gruta do Leite, Belém (Israel)

Apostolado ao qual todos somos chamados

Temos em nossas mãos, portanto, uma verdadeira arma de conquista! Saibamos utilizá-la! Na Santa Missa, o sacerdote verte no cálice pleno de vinho uma gotinha de água, requerida pelas rubricas. Entre outros simbolismos,

ela figura o sofrimento humano unido ao do Homem-Deus. E a este apostolado todos somos chamados! Sejamos, pois, generosos, e unamos nossos sofrimentos, junto com as lágrimas de Nossa Senhora, ao Preciosíssimo Sangue de Jesus, para que assim a Paixão tenha toda a eficácia nas almas.

Para isso, não é necessário vivermos à caça de sofrimentos. A dor bate às nossas portas a todo momento; basta aceitá-la com paz de alma e aproveitar qualquer oportunidade para oferecer a Deus os pequenos sacrifícios da vida diária. Precioso é, neste sentido, um conselho dado por Dr. Plínio: “Quando, por exemplo, devo realizar uma tarefa desagradável, cacete, e não estou com vontade de fazer, se é meu dever, eu o faço e com *élan*! [...] Mas, se tenho alguma tarefa agradável a realizar, nunca a preferir: deixo passar primeiro o ímpeto e faço depois. [...] Alguém dirá: ‘Mas, Dr. Plínio, isso é uma coisa tão pequena!’ Eu respondo: ‘Fazer muitas coisas pequenas assim é imensíssimo! E nós as devemos fazer!’”¹⁰

Peçamos a Nossa Senhora, *Virgo Fidelis*, que nos torne fiéis às cruzes que a Providência nos envia, realizando com generosidade nossa missão de corredentores. Deste modo, retribuiremos o amor sem limites do qual fomos objeto na Paixão e contribuiremos para a realização plena de todos os seus efeitos. ✠

¹ Cf. BORDONOVE, Georges. *Les Croisades et le Royaume de Jérusalem*. Paris: Pygmalion Gérard Watelet, 2002, p.281.

² CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 21/10/1972.

³ Cf. MENÉNDEZ, RSCJ, Josefa. *Apelo ao amor*. 3.ed. Rio de

Janeiro: Editora Rio-São Paulo, 1963, p.166-183.

⁴ Cf. SANTO AGOSTINHO. *Sermo CCCIV*, c.2: PL 38, 1396.

⁵ Cf. ROYO MARÍN, OP, Antonio. *Jesucristo y la vida cristiana*. Madrid: BAC, 1961, p.573-581.

⁶ PIO XII. *Mystici Corporis Christi*, n.43.

⁷ Idem, *ibidem*.

⁸ GRIMAUD. *Él y nosotros: un solo Cristo*, apud ROYO MARÍN, op. cit., p.574.

⁹ Cf. PLUS, Raúl. *Cristo en nuestros prójimos*, apud ROYO MARÍN, op. cit., p.577.

¹⁰ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. Termômetro do verdadeiro fervor. In: *Dr. Plínio*. São Paulo. Ano XXVI. N.306 (set., 2023); p.31-32. Ver a transcrição do artigo na seção *Um profeta para os nossos dias*, nesta Revista.



Uma necessidade humana

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

§1505 Por sua Paixão e Morte na Cruz, Cristo deu um novo sentido ao sofrimento, que doravante pode configurar-nos com Ele e unir-nos à sua Paixão redentora.

Há pessoas para as quais qualquer aborrecimento é um desastre. O adorável Senhor Jesus, entretanto, elevou o papel da dor na vida humana a alturas inimagináveis, pois a tornou um elemento para o homem realizar sua finalidade no percurso terrenal: configurar-se com Cristo, nosso Redentor, Modelo e Guia.

Erroneamente pensam alguns que o sofrimento entrou no mundo apenas como consequência do pecado original. É bem verdade que passamos por muitas angústias devido à falta de nossos primeiros pais (cf. Gn 3, 16-19)... Contudo, muito além dessa contingência as dificuldades constituem, nas numerosas situações paradoxais em que se apresentam, uma necessidade para o pleno desenvolvimento da criatura inteligente em estado de prova. E a esses dois fatores juntam-se, por fim, os desprezos, injúrias e contrariedades promovidos pelo príncipe das trevas e seus asseclas (cf. I Pe 5, 8), em seu ódio contra quem observa os Mandamentos Divinos.

São, pois, três os mananciais de amarguras para o fiel: as consequências do pecado original, o estado de prova desta vida mortal e a maldade diabólica ou humana.

Como resistir a tanta adversidade? Nascemos, pois, apenas para abraçar uma existência despropositada? Ensinando “a ciência da santidade”, Dom Josep Torras i Bages, Bispo de Vic



Quem não conhecesse o sofrimento não conheceria a vida, pois a dor é parte essencial dela

São Bernardo com os instrumentos da Paixão

falecido no início do século XX, resalta que “o sofrimento e a contrariedade são um ingrediente tão íntimo na presente vida terrena, que sem ele esta se torna enfadonha e até insuportável”, pois “o padecer ensina; e quem não o conhecesse não conheceria a vida em toda a sua realidade, porque o sofrimento é parte essencial dela”.¹

Na Gruta de Belém e no Gólgota manifesta-se com fulgor a desmesurada

afeição divina por nós. Deus Se torna pequenino e nasce da Virgem Imaculada; contudo, seu percurso pelas vias e estradas da Terra Santa tem uma meta: a Cruz! E os percalços, lutas e dificuldades pelos quais passamos são um possante auxílio para nos configurar com o Coração Amoroso de Jesus sofredor. Com efeito, o Pai Celeste nos quer parecidos com seu Filho, colaboradores na edificação da Santa Igreja e na salvação das almas.

Deixemos o Divino Ourives nos lapidar ternamente, a fim de, como uma pequena gota d’água unida ao Sangue Precioso de Jesus, chegarmos aurificados à glória eterna, como bem nos recorda a Santa da pequena via: “A santidade não consiste em dizer coisas bonitas, nem mesmo consiste em pensá-las, nem em senti-las!... Ela consiste em *sofrer* e em sofrer *de tudo*. A santidade! É preciso conquistá-la à ponta da espada, é preciso *sofrer*... é preciso *agonizar*!... Um dia virá em que as sombras desaparecerão, e então só a alegria e o inebriamento permanecerão... Aproveitemo-nos do nosso único momento de sofrimento!... Não vejamos senão cada instante!... Um instante é um tesouro...”² ✠

¹ TORRAS I BAGES, Josep. La ciência del patir. In: *Obres completes*. Barcelona: Abadia de Montserrat, 1989, v.VI, p.400-401.

² SANTA TERESINHA DO MENINO JESUS. *Carta 89*. Para Celina, 26/4/1889.



Termômetro do verdadeiro fervor

A alma que firmou a resolução de cumprir
o seu dever sem vacilação, mesmo quando para isso
precise passar por todas as dificuldades e sofrimentos,
só essa é verdadeiramente fervorosa.

✠ Plínio Corrêa de Oliveira

Em uma das casas de nosso movimento há uma fotografia muito bonita de uma alameda de árvores. Não é exuberante como a floresta de Fontainebleau, absolutamente, mas se trata de um arvoredado bonito, digno, bem-arranjado e agradável de ver. Há nele uns bancos de pedra, sem encosto, dispostos de um lado e de outro do caminho, convidativos para se sentar debaixo daquela sombra visitada por pingos de sol. É uma via reta e comprida, da qual não se vê o fim. Tenho a impressão de ser uma alameda do convento de Lisieux, onde Santa Teresinha do Menino Jesus redigiu parte da *História de uma alma*.

Que beleza pensar em Santa Teresinha escrevendo a própria história com sua letrinha pequenina, vestida com o hábito carmelita e sentada sob os pingos de sol daquele arvoredado, e em certo momento ouvi-la exclamar: “Como é doce a vida religiosa!” O mais curioso está em que, de fato, ela é doce – só ela tem doçuras, e doçuras que a vida no século não tem –, mas, se lembrássemos o quanto Nossa Senhora pediu a Santa Teresinha em matéria de sofrimento e o quanto ela deu, então compreenderíamos a batalha que comporta a vida religiosa.

Vítima expiatória ao amor misericordioso de Deus

Santa Teresinha recebeu um convite da graça para ser vítima expiatória ao amor misericordioso de Deus. Tomando em consideração que este era tão pouco compreendido e tão pouco amado pelos homens, ela quis oferecer uma reparação que consolasse ao Altíssimo antes de tudo, mas também que tivesse como mérito expiar pelas pessoas que não correspondem com fervor às vocações que receberam e aos passos do amor de Deus em direção a elas.

Para obter que o Senhor não castigasse essa rejeição do seu amor – porque tal atitude é um insulto a Ele – a Providência Divina escolheu uma coorte de almas vítimas que haveriam de se oferecer na terra e, em atenção a elas, deu ainda mais dádivas para chamar outras almas.

A fórmula desse sacrifício de Santa Teresinha era: nunca pedir nada e nunca recusar nada a Deus, aceitar o que acontecesse. O que Deus permitisse que sucedesse, ela consentia e não alterava. E com isso oferecia um, dois, até vinte sacrifícios, aos quais chamava de “pequenos”, pois não eram heroicos como os de Santa Maria Egípcíaca, uma Santa que viveu no Egito e praticou tantos sacrifícios, e tão heroicos, que no século passado cessaram de imprimir sua biografia porque horripilava as almas...

A Santa da pequena via aceitava todos os sacrifícios permitidos pela Providência. Certo dia, por exemplo, uma freira que a ajudava a fixar uma parte do hábito foi inábil e espetou um alfinete em sua carne. Santa Teresinha passou o dia inteiro com aquele alfinete cravado em si porque, tendo Deus permitido, ela não ia tirar. Assim se oferecia como vítima ao amor misericordioso de Deus.

Pequenos sacrifícios e a grande prova

Outro dia, imagino eu, ela estava escrevendo sua autobiografia e, no momento em que tinha o espírito mais concentrado, de repente se apresenta uma outra religiosa e lhe dizia:

— Oh, Ir. Teresa, como a senhora está escrevendo tão bem, vou lhe roubar um pouquinho de tempo. Podemos conversar? Estou muito desolada e preciso me consolar um pouco...

— Oh, pois não! – respondia Santa Teresinha.

A conversa durava uma hora... Em certo momento soava o sino para a refeição – um magro almoço carmelita – e todas se dirigiam para o refeitório. O resto do dia se desenrolava segundo a regra, e a *História de uma alma* ficava para o dia seguinte. Em tudo ela fazia o contrário do que queria, porque



A vida está cheia de grandes sofrimentos, seja na vida religiosa ou fora dela; assim, toda piedade que não seja acompanhada pela coragem em enfrentar a dor não é verdadeira

À esquerda, alameda das castanheiras no Convento de Lisieux (França), com a cadeira utilizada por Santa Teresinha do Menino Jesus nos últimos meses de vida. À direita, retrato da Santa em julho de 1897

era o modo de oferecer um sacrifício ao amor misericordioso de Deus. E se fosse apenas isso!

Numa noite ela teve uma golfada e fez uso do lenço. Desejava muito saber se tinha expelido sangue – precursor de uma hemoptise e prenúncio da morte – mas, para oferecer seu sacrifício e se mortificar, não acendeu a luz. No dia seguinte, quando raiou a aurora, Santa Teresinha deu-se conta de que a morte estava próxima e, afinal, iria libertá-la. Era a tuberculose que batia às portas dela, numa época em que não havia os mil recursos de cura existentes hoje.

Pouco depois começa a prova contra a fé, a tentação terrível dos Santos. Ela morre numa aridez tremenda, mas com esta frase muito característica do seu estado de espírito: “Eu creio, única e exclusivamente porque quero crer!” Cria porque amava! Depois de uma agonia tremenda, ela teve um êxtase e caiu morta. Um perfume de violeta, inexplicável, começou a se irradiar de seu corpo para o convento inteiro. Era a glorificação daquela que havia aberto a pequena via para as pequenas almas. Que martírio! Que coisa tremenda!

A vida está cheia de grandes sofrimentos! Como enfrentá-los e estar à

altura deles quando vêm? São vagalhões colossais que se abatem sobre todo mundo. Não há ninguém que não tenha padecimentos muito grandes na vida religiosa e fora dela. Por vezes, mais dentro do que fora; por outras, mais fora do que dentro.

Como, então, considerar o papel do sofrimento?

A prova do fervor é a coragem na dor!

A alma que tem a resolução de sofrer e está disposta a enfrentar qualquer coisa, seja como for, na pior dificuldade e no escuro, resolvida a chegar até o fim da dor se for preciso, mas cumprir o seu dever sem vacilação, achando que sua vida está bem empregada, pois assim deve ser e assim o quer, essa é uma alma fervorosa!

Se a alma tem pavor da dor, prefere a brincadeira, quer ser engraçada, divertida, estimada por todo mundo, levar uma vida macia, assusta-se perante qualquer sofrimento, ela pode ter um êxtase – que seria falso – diante de um crucifixo ou de uma imagem de Nossa Senhora a ponto de se retorcer, mas eu não tomo a sério, porque a prova do fervor é a coragem na dor. E qualquer

piedade que não venha acompanhada de coragem na dor é patifaria.

Nós temos que olhar bem de frente e compreender o seguinte: para isso, muitas vezes não nos bastarão as boas resoluções tomadas na vida comum. Podemos, por exemplo, fazer o propósito: “Eu quero, ó Senhora, Rainha do Céu e da terra, na hipótese das grandes dores, sofrer tudo. E desde já eu me dou inteiro!” Trata-se de uma ótima disposição! Mas virão momentos em que a dor é tal que somos capazes de dizer: “Minha Mãe, eu não pensei que o sofrimento fosse tão grande e creio que não vou aguentar!”

O verdadeiro católico aguenta tudo! Por uma razão muito simples: quando pede, ele tem sempre a graça de Deus consigo. Compreende-se que as forças naturais de um homem não ofereçam recursos para enfrentar isso. Mas, onde a natureza é fraca, a graça é forte. Se a pessoa rezar, Nossa Senhora lhe dará força e, na hora da luta, ela enfrentará a tentação.

A alma deve confiar em que a sua capacidade de sofrer vai muito mais longe do que o tamanho de sua personalidade. Sua situação se assemelha à de um homem que, para glorificar a

Nossa Senhora, tem de encontrar um leão no caminho e estrangulá-lo. Ele olha para suas mãos e diz: “O leão vai devorá-las e a mim também! Não sou capaz de dar-lhe um beliscão nem sequer um safanão na juba, e ainda devo estrangulá-lo?! Eu?! Nunca!” Esse é um fracassado.

Para a alma fervorosa, o caso se põe de outra forma: “Se for esse o meu dever, e a dedicação à Santa Igreja Católica me levar até lá, eu direi a Nossa Senhora: Dai-me graças para suportar e caminharei até lá! *‘Omnia possum in eo qui me confortat’*, afirma São Paulo. ‘Tudo posso n’Aquele que me dá forças’ (Fl 4, 13). A força de Nosso Senhor, obtida pelas preces de Nossa Senhora – as quais Ele nunca recusa –, me dará força. Na hora ‘H’ eu serei forte!” Este é o fervor!

Sacrificar muitas coisas pequenas é imenso aos olhos de Deus

Entretanto, o fervor não está reservado só para as grandes ocasiões. Não está preparado para receber a graça do fervor nas grandes ocasiões quem não o tiver nas pequenas. E, para isso, é preciso estar habituado a fazer os sacrifícios da vida diária com esse fervor.

Quando, por exemplo, devo realizar uma tarefa desagradável, cacete, e não estou com vontade de fazer, se é meu dever, eu o faço e com *élan*. Aí eu tenho fervor.

Posso deixar um dever desagradável para cumprir daqui a meia hora, mas o cumprirei já! Devo ter a “gula” do sacrifício! E não ficar me espreguiçando vagabundamente aos pés de um sacrifício que eu não tenho coragem de fazer, grande ou pequeno, pouco importa. Hoje, em qualquer horário, devo dar um telefonema cacete; acabei de acordar, então vou fazê-lo agora! Vou pular em cima desse pequeno

dever como diante de uma fera e direi: “Venha cá, telefone, símbolo do progresso e meu servo. O meu primeiro combate será através de ti!”

Os sacrifícios, devo fazê-los logo. Mas, se tenho alguma tarefa agradável a realizar, nunca a preferir: deixo passar o primeiro ímpeto e faço depois.



Para receber a graça do fervor nas grandes ocasiões é preciso tê-lo nas pequenas, na realização dos sacrifícios da vida diária

Dr. Plínio em agosto de 1991

Do mesmo modo, se estou muito desejoso de ouvir as repercussões de apostolado de um militante do nosso movimento que acabou de chegar de viagem – a qual durou meses –, penso em descer logo as escadas para falar com ele. De repente paro e me lembro de oferecer a Nossa Senhora um sacrifício. Desço devagar os degraus e, a cada passo, rezo uma jaculatória. Para quê? Para me atormentar? Não! Para conquistar um pouco mais do terreno da Revolução maldita, gnóstica e igualitária. Quando chegar embaixo, terei perdido um pouco das notícias, é

verdade, mas terei ganhado muito terreno para Maria Santíssima, que saberá o que fazer desse meu oferecimento ao descer devagar a escada. E sei que, em cada degrau, meu Anjo me acompanha sorrindo!

Eu pergunto: haverá no mundo escada mais doce de se descer? Nisso consiste o fervor! Alguém dirá: “Mas, Dr. Plínio, isso é uma coisa tão pequena!” Eu respondo: “Fazer muitas coisas pequenas assim é imensíssimo! E nós as devemos fazer!”

Então, há mil ocasiões para fazer sacrifícios, ora pequenos, ora grandes, que aumentam o fervor. O auge do fervor se atinge quando, no auge do tormento e do sofrimento, em certo momento a pessoa diz: “Está tudo pronto, *consummatum est!*”

São Paulo, uma alma fervorosa

Vejam o lindo simbolismo do martírio de São Paulo. Ele foi o Apóstolo que mais trabalhou pela difusão do Evangelho. Antes de morrer decapitado, declarou: “Combati o bom combate, percorri todo o caminho que eu deveria percorrer. Dai-me agora, Senhor, o prêmio de vossa glória” (cf. II Tim 4, 7-8).

Quando o carrasco romano arremessou a espada contra ele cortando-lhe a cabeça, esta picou três vezes sobre o chão, tal foi a violência do golpe. Em cada ponto onde ela bateu, abriu-se uma fonte. Esse é o sacrifício do homem fervoroso!

Nos grandes sacrifícios de nossa vida, podemos ter a impressão de que algo nos foi decepado, mas lembremo-nos de que se abrem fontes através deles! ✨

Extraído, com pequenas adaptações, de: *Dr. Plínio. São Paulo. Ano XXVI. N.306 (set., 2023), p.29-32*



É lícito pedir a Deus que afaste de nós os sofrimentos?

A oração é a intérprete de nossos desejos diante de Deus (cf. *Suma Teológica*. II-II, q.83, a.9). Contudo, seria justo nutrir o anseio de nos livrarmos dos sofrimentos desta vida, permitidos pela Providência para o nosso bem? Nossas preces não deveriam ser elevadas ao trono da Majestade Divina apenas para aceitarmos a cruz com resignação? Ou nos é lícito suplicar por consolo, cura e favores?

A devoção não consiste apenas em oferecer a Deus a reverência de nossa entrega ou em agradecer os benefícios recebidos, mas também em manifestar nossas necessidades com filial confiança: “Não é para dobrar a Deus que a Ele oramos, mas para que sejamos excitados para a confiança de pedir. A confiança é sobretudo excitada em nós ao considerarmos o amor de Deus para conosco, que quer o nosso bem; e, por isso, dizemos ‘Pai nosso’” (ad 5).

Não devemos ter medo de apresentar nossos desejos e necessidades a Deus com confiança, pois participamos da natureza divina pelo dom da graça santificante (II Pe 1, 4) e somos filhos! Não há, portanto, inconveniência em pedirmos alívio, abreviação ou eliminação de nossos sofrimentos, se a Ele rogamos de forma condicional e submissa à sua vontade santíssima.

Exemplo absoluto e perfeitíssimo desse princípio, nós o encontramos no Divino Mestre. Pouco antes da Paixão, Jesus elevou aos Céus uma pungente prece: “Pai, se é de teu agrado, afasta

de Mim este cálice! Não se faça, todavia, a minha vontade, mas sim a tua” (Lc 22, 42). Eis a súplica do Filho Unigênito que não oculta sua dor, mas, sobretudo, deseja cumprir o desígnio do Pai.

Conforme explica o Doutor Angélico, Cristo orou expressando sua sensibilidade humana para nos instruir em três pontos: “Primeiro, para mostrar que assumira uma verdadeira natureza humana, com toda a sua afetividade natural; segundo, para manifestar que o homem pode querer, com um afeto natural, algo que Deus não quer; terceiro, para fazer-nos ver que o homem deve submeter a própria afetividade à vontade divina. Daí as palavras de Agostinho: ‘Assim Cristo, comportando-Se como Homem, mostra sua vontade humana concreta ao dizer: Afasta de Mim este cálice. Era a sua vontade humana, querendo algo próprio e como particular. Mas porque quer ser um Homem reto e dirigir-Se a Deus, acrescenta: Contudo, não se faça como Eu quero, mas como Tu queres. Como se nos dissesse: Olha-te em Mim, porque podes querer pessoalmente algo, embora Deus queira outra coisa’” (III, q.21, a.2).

À luz do exemplo de Cristo no Horto das Oliveiras, e em harmonia com a doutrina tomista, também Mons. João ensina o quanto é legítimo rogar a Deus que nos livre do sofrimento, se o pedido estiver submetido à vontade divina com amor e abandono: “Convinha que Nosso Senhor rezasse para me dar

o exemplo da oração perfeita, que deve ser humilde, filial, cheia de confiança, perseverante. Ele havia anunciado várias vezes que seria morto e ressuscitaria; sabia bem, portanto, que aquela oração condicional não seria atendida. Entretanto, a fez para mostrar que é verdadeiramente Homem e que é permitido à criatura humana externar sua dor. Que magnífico exemplo Nosso Senhor Jesus Cristo me dá! Assim devo rezar: ‘Se for possível...’”¹ ✠

¹ CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Meditação*. São Paulo, 16/10/1992.



A oração de Nosso Senhor no Horto é o exemplo perfeitíssimo da súplica que não oculta sua dor, mas, sobretudo, deseja cumprir o desígnio do Pai

“A agonia no Horto”, por Andrea di Vanni - Galeria Nacional de Arte, Washington



Quando as calamidades ensinam a humanidade

Nas angústias não se mostra menos a mão de Deus do que nas consolações. Muitas vezes, entretanto, esquecemo-nos de que, por trás dos infortúnios, esconde-se a misericórdia divina.

✎ Marcos Vinícius Santos Ferreira



Há diversos modos de fazer uma leitura. Um deles é aquele em que a pessoa compreende quase matematicamente o sentido das frases, a simples combinação das palavras, frases e parágrafos, experimentando uma curta dose de impressões que a trama possa suscitar. Ao conversar com um leitor assim constataremos uma análise rasa dos fatos. Por quê? A consideração de uma segunda modalidade de leitura nos dará a resposta.

Esta se caracteriza pelo exame detido, mais que das linhas, das entrelinhas do texto, procurando encaixar os episódios descritos numa perspectiva mais ampla. Entre tais leitores encontramos os bons observadores, os cultos, os críticos e, sobretudo, os homens de fé. Estes últimos possuem a mais

aguçada interpretação dos fatos, pois os analisam pelo prisma sobrenatural, procurando entender os acontecimentos a partir dos olhos de Deus.

Com efeito, o Divino Escritor costuma enviar sinais, à maneira de entrelinhas, antes de redigir certas páginas da História, para que os homens, pela “leitura” dos eventos que os circundam, possam discernir nelas a advertência celeste, e não meras coincidências.

Foi o que aconteceu na Europa durante as décadas que precederam uma das maiores tragédias que a humanidade conheceu: a peste negra.¹

Algumas coincidências...

Em 1315 um cometa rasgou os céus, deixando atrás de si a impressão de

que algo terrível estava para acontecer. Chegada a época da colheita, o mau pressentimento pareceu se cumprir. O outono de 1315 começou com um período de severa estiagem e outras péssimas condições climáticas, que concorreram para a ruína das plantações nos dois anos seguintes.

A falta de víveres iniciou um tempo de carestia angustiante para os europeus, no qual cenas assombrosas se passaram: alucinados pela fome, alguns camponeses se punham a roer as cascas das árvores, na ilusão de conseguirem saciar-se; outros, levados por um delírio mais violento, chegaram ao cúmulo de saciar seu apetite desesperado na prática do canibalismo. Essa conjuntura horrorosa era ainda acentuada pelo aspecto das crianças

Os navios vindos do mar oriental foram o meio de transporte da enfermidade que se alastrou por toda a Europa matando milhões de pessoas

Porto de Gênova em fins da Idade Média



vítimas da desnutrição, reduzidas a esqueletos.

Quatro anos depois, quando as cicatrizes da fome mal se haviam desenhado, outra tragédia fez reviver os episódios que precederam a saída do povo eleito do Egito: uma furiosa nuvem de gafanhotos de origem desconhecida tomou conta do cenário. Os insaciáveis insetos varriam todas as plantações que encontrassem pelo caminho. O método de avanço seguia sempre a mesma ordem: um pequeno destacamento se aproximava para reconhecer a área que seria o alvo do ataque; terminada a varredura, este grupo voltava para junto do enxame, que logo retornava em plena força. Quem visse os primeiros insetos rondando suas terras, teria pouco mais de duas horas para proteger-se.

Mas que ameaça traziam os pequenos invertebrados para que a população os temesse? Aquilo não era – nem é! – normal. Os gafanhotos pareciam pré-figuras daqueles descritos por São João no Apocalipse (cf. Ap 9, 3-11). E se o leitor julga exagerada a suposição, medite na sorte de um escudeiro desavisado que, enquanto viajava a cavalo, foi surpreendido pela imensa sombra dos insetos. O resultado tornou-se conhecido depois: do pobre homem só sobrou o esqueleto, amontoado ao lado da ossada de seu animal. Mas as calamidades não pararam por aí.

Anos depois, em 1325, os astrônomos constataram uma conjunção peculiar entre Júpiter e Saturno, que foi registrada não só com curiosidade, como também com certo ar de alerta. Em 1341 houve um eclipse solar total, que deixou milhares de pessoas imersas em trevas. Naquele tempo, os sinais celestes ainda moviam as almas e, por mais que alguns incrédulos partidários da posição naturalista afirmassem não passar de um fenômeno previsível e sem maior significado, o desaparecimento do Sol e a momentânea escuridão em determinadas regiões



Fotos: Reprodução

O contágio era rápido e o avanço da doença veloz e silencioso; setenta e duas horas bastavam para levar o infeliz à morte, na melhor das hipóteses

A peste negra em Florença, por Giovanni Boccaccio - Biblioteca Nacional da França; em destaque, traje utilizado pelos médicos durante a epidemia, feito em couro e com uma máscara em forma de bico de pássaro, preenchida com ervas aromáticas

traziam, forçosamente, uma premonição relativa ao fim dos tempos.

Tendo o céu falado, chegava a vez da terra: o ano de 1348 “começou com uma série de terremotos de inaudita força, os quais sacudiram toda a Europa e mataram sob as casas derrubadas milhares e milhares de pessoas [...] Sobre a Grécia pairou, durante vários meses, uma espessa e pesada névoa; a Inglaterra, desde junho até dezembro, foi inundada por chuvas quase ininterruptas”.²

Na França, a situação econômica acompanhava os desastres naturais. Uma acentuada inflação ocorrida durante o reinado de Filipe, o Belo, aumentava a tensão já existente devido às guerras das quais o país ainda não se erguera. No âmbito social a situação era ainda mais aflitiva. Historiadores apontam uma grande queda no índice geral de natalidade, iniciada em fins do século XIII. Entre outros motivos, a diminuição demográfica teve por causa uma onda de violência originada de diversos conflitos internos e externos.

A Europa parecia caminhar, a passos largos, rumo à sua própria extinção.

Tragédias também na ordem espiritual

Fenômenos astronômicos, telúricos, pragas e carestias, calamidades sociais e conflitos políticos... Nada disso, entretanto, era tão grave quanto a terrível conjuntura em que se encontrava o Corpo Místico de Cristo. A bem dizer, todos esses elementos constituíam um símbolo do que se passava com a ordem espiritual no fim da Idade Média.

A título de exemplo, recordemos que o século XIV principiara com o ignominioso atentado de Anagni, uma afronta direta dos enviados do monarca francês contra o Papa Bonifácio VIII, em 1303. Pouco depois, em 1309, o Papado se transladaria para Avignon, onde permaneceria até 1377, dando início ao “cativeiro da Babilônia”, na expressão consagrada por diversos historiadores. O término do século assistiria, enfim, a uma das maiores dissidências internas vistas na História da Igreja: o grande cisma do Ocidente, em que a Cristandade se dividiria sob a liderança de três “papas”.

A esse quadro sombrio de catástrofes passadas e convulsões futu-



ras se assomará, como conclusão de uma era e prefácio de outra, o grande flagelo de 1348.

Tudo começa no Oriente

O leitor deve ter em mente a cena que anuncia a chegada de um grande *tsunami*. Antes de romper os próprios limites, o mar recua largamente, como que reunindo forças para se atirar terra adentro. De maneira análoga, a onda que varreria milhões de vidas em toda a Europa começaria sua sinistra carreira nas longínquas terras do Oriente e cresceria em força à medida que se aproximasse.

A estranha *katay*, primeiro nome que a peste recebeu, saindo da China passou pela Armênia, Índia e Pérsia.

Na Síria cresceu o poder da infecção, chegando aos quinze mil óbitos diários no Cairo e vinte mil em Gaza. Os navios vindos do mar oriental foram o fatal meio de transporte da enfermidade para os portos de Gênova e Sicília, a partir dos quais ela se alastrou por todo o continente europeu, desde a Rússia até à Groenlândia.

A aversão causada pelos sintomas que

se manifestavam nos doentes, somada à velocidade de sua morte, moveu toda a população a procurar alguma forma de impedir aquele demoníaco flagelo. Alguns empregaram métodos escrupulosos de higiene, evitando o mínimo contato com quem apresentasse sinais da enfermidade. Outros acorreram às igrejas para suplicar aos céus clemência. Entretanto, “nem as preocupações de higiene nem as preces públicas foram suficientes para detê-la”.³

A devastação

O desventurado que contraísse a moléstia sentia crescerem tumores sob os braços, e rapidamente todo o corpo estava dominado pelas repulsivas erupções. Outro evidente sintoma consistia no aparecimento das manchas negras que deram nome à peste. Nos dois casos o avanço era veloz e silencioso, muitas vezes nem sequer provocava febre. Na melhor das hipóteses, setenta e duas horas bastavam para levar o infeliz à morte.

O contágio resultava fulminante: as roupas de um enfermo transmitiam a peste a quem as tocasse. As pessoas evitavam cumprimentos, os moribundos desfaleciam sem companhia. Cidades portuárias como a majestosa Veneza, detentora de umas das maiores frotas marítimas do Ocidente, foram assoladas com especial rigor por

terem sido as primeiras a receberem o impacto da epidemia.

As cidades francesas tomaram parte grande nas dores do continente: “Em Avignon, de 25 de janeiro a 27 de abril de 1348, houve sessenta e duas mil vítimas, metade da população; e quando deixou de haver lugar para os túmulos, o Papa autorizou os enterros no cemitério pontifício, onde, em março e abril, foram sepultados onze mil cadáveres”.⁴ Das cento e quarenta famílias que formavam o vilarejo de Soisy-sur-Seine, ao final da peste restavam apenas seis. Em Amiens registraram-se dezessete mil óbitos.

Em resumo: os historiadores calculam nada menos que vinte e cinco milhões de mortos na Europa, e trinta e seis milhões na Ásia. Os números, que diante da cifra gigantesca da população mundial atual já assustam, significavam ainda muito mais para a época. Calcule o leitor que esse flagelo levou mais de um terço da população europeia de então...⁵

A mão de Deus se mostra na tribulação

Os anos marcados pela dor e pela morte assistiram a diversas reações, registradas pelos historiadores. Casais que viviam em situação irregular procuraram endireitar suas vidas. Muitos dos que possuíam o vício do jogo trocaram seus dados pelas contas do terço, deixando as mesas de sorte para ir aos altares. As orações se multiplicaram e a avidez de penitência cresceu por todos os lados. Em meio a um rude e frio inverno, a ameaça generalizada

Os anos marcados pela dor e pela morte assistiram a autênticas conversões; as orações se multiplicaram e cresceu a avidez pela penitência

Procissão promovida por São Gregório Magno, para pedir o fim da peste que assolava Roma no seu tempo - “Les très riches heures du Duc de Berry”, Museu Condé, Chantilly (França)



de uma morte quase súbita fez brotar flores de fê primaveril.

Com efeito, nas angústias não se mostra menos a mão de Deus do que nas consolações. Muitas vezes, entretanto, tende-se a esconder por detrás de uma misericórdia mal concebida a necessidade de uma verdadeira mudança de vida: o demônio sabe que, durante a provação, as almas elevam ao Altíssimo súplicas mais intensas e oferecem-Lhe o incenso de uma autêntica conversão.

A alegria nem sempre resulta suficiente para mover à prática da virtude. É, pois, salutar que haja sofrimentos, para incentivar certos passos nas vias da santidade. Não terá sido intenção dos Céus alertar os medievais das calamidades que sobreviriam a toda a humanidade se fosse abandonada a fecunda prática da Fé Católica que iluminara os séculos anteriores?

Não há dúvida de que a Idade Média deixou uma das melhores recordações nas páginas da História, escritas pelos fiéis que decidiram plasmar em seus feitos o espírito da Santa Igreja. Desse espírito cristão são frutos os grandes tratados de Teologia e Filosofia, as universidades, os hospitais de caridade, as imponentes catedrais góticas que imortalizaram o ideal de seus construtores e tantos outros apanágios da humanidade de que se gaba a era moderna. As produções artísticas, por exemplo, não deixam de atestar a fecundidade da época. Desde 1050 até dois anos depois da peste as criações



Deus apresentava um remédio, ainda que amargo, para a decadência que começava a minar uma sociedade erigida segundo o Evangelho

“A Catedral de Reims”, por Domenico Quaglio - Museu de Belas Artes, Leipzig (Alemanha)

artísticas se multiplicaram, e grande parte delas aguardam até os dias atuais uma réplica à altura.

Mas, se a Cristandade foi responsável por tantos progressos historicamente reconhecidos, isso se deveu ao fato de os homens se preocuparem em concretizar sua mentalidade na vida cotidiana. E a postura do medieval ante o sofrimento desempenhou papel essencial nesse processo.

Tinha-se então a consciência de que “o homem é incapaz de adquirir qualquer grau de perfeição espiritual – mesmo os graus mais modestos e elementares – sem o sofrimento”.⁶ Per-

mitindo que um continente inteiro passasse por angústia tão grande como a da peste negra, a Divina Providência poderia lhe estar apresentando um remédio, ainda que amargo, para sanar a decadência que se iniciava e que teve como resultado desvios diversos e o deperecimento paulatino de uma sociedade erigida segundo os ensinamentos evangélicos. Era já iminente o surgimento da Renascença neopagã...

Quem viveu naquela época não poderia desculpar-se afirmando ignorância. Se não percebesse a necessidade de uma mudança de rumo, bastaria deter-se na análise dos fenômenos incomuns que precederam a epidemia. Eram eles arautos que apregoavam – sem palavras, é verdade, mas muito claramente – os designios da Providência ultrajados. Os profetas de calamidades

desses tempos foram essas calamidades proféticas.

Ora, Deus não mudou e continua escrevendo como outrora: pelas linhas e entrelinhas. A nós compete, portanto, ler nos acontecimentos os sinais de alerta por Ele enviados antes de consumir grandes intervenções. Quantos cometas já rasgaram os nossos céus do século XXI? Quantas vezes a natureza não pareceu mostrar-se ressentida com o homem, seja pela água, pelo fogo, pelo ar ou pelas enfermidades? Qual será o intuito divino com esses grandiosos emissários? Estejamos atentos! ✧

¹ Os dados históricos que constam no presente artigo foram extraídos das obras: WEISS, Johann Baptist. *Historia Universal*. Barcelona: La

Educación, 1929, v.VII, p.383-387; DANIEL-ROPS, Henri. *A Igreja das catedrais e das cruzadas*. São Paulo: Quadrante, 1993, p.656-665; BONASSIE,

Pierre. *Dicionário de História Medieval*. Lisboa: Dom Quixote, 1985, p.169-172.

² WEISS, op. cit., p.385.

³ DANIEL-ROPS, op. cit., p.657.

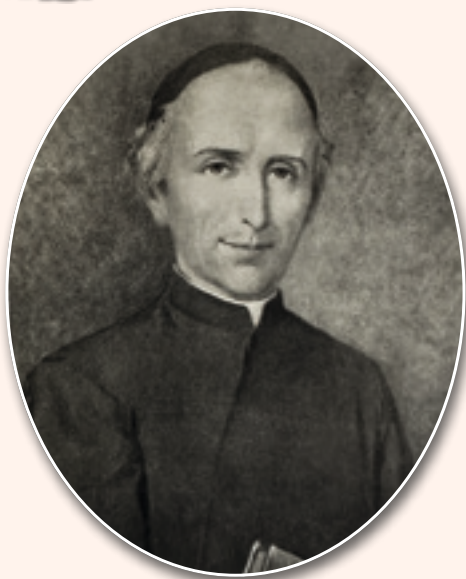
⁴ Idem, p.658.

⁵ Cf. BONASSIE, op. cit., p.170.

⁶ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 16/5/1964.



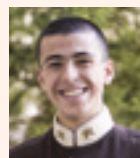
Reprodução



Astuto como a serpente...

Houve um sacerdote que conseguiu burlar repetidas vezes as investidas da polícia imperial e que criou um sistema de correio mais rápido que o oficial... Quem foi ele?

✎ Thiago Resende Barbosa



A ausência de criatividade constituiu uma das notas mais características da ação do demônio. Com efeito, analisando a História com olhar aguçado percebe-se como, ao longo dos séculos, as investidas do poder das trevas contra o bem foram inúmeras, mas sempre se assemelharam na substância e nos métodos. Nessa infinda repetição, a variação de personagens e lugares não consiste senão num rótulo enganoso para um conteúdo habitualmente igual.

As obras divinas, pelo contrário, estão marcadas por uma superabundante criatividade, fruto da infinitude de seu Artífice. Deus é por excelência aquele bom pai de família que sabe tirar coisas novas e velhas de seu tesouro (cf. Mt 13, 52), e também na defesa da Santa Igreja Ele sabe utilizar-Se dos meios mais diversos.

Detenhamos nossa atenção em um deles, acompanhando a história de um jovem seminarista ardente de zelo pela causa católica.

Que via seguir?

Pio Bruno Pancrazio Lanteri nasceu no dia 12 de maio de 1759, em Cuneo,

uma pequena cidade do Piemonte vizinha da França e dos gigantescos Alpes. Filho de pais muito piedosos, recebeu desde pequeno uma exemplar formação religiosa. Contudo, quando ele tinha apenas quatro anos de idade sua mãe veio a falecer, motivo pelo qual declararia mais tarde: “Quase não conheci outra mãe que Maria Santíssima, e não recebi em toda a vida outro afago a não ser de uma tão boa Mãe”.¹

Essa celeste Senhora lhe reservava uma grande missão, a qual Bruno certamente pressentia. Contando apenas dezessete anos, apresentou-se a seu progenitor a fim de pedir-lhe permis-

são para entrar na cartuxa. Embora amasse muito aquele filho, o bom pai sabia que não era lícito se opor ao que parecia ser um chamado divino. Assim, dentro de pouco tempo Lanteri ingressava no mosteiro.

Entretanto, bem cedo ele descobriria que Deus não o destinava para o claustro. Sua débil saúde não lhe permitia suportar os rigores da vida cartuxa, e o prior do mosteiro logo o convenceu de que, se a Providência não havia dado ao jovem aspirante os meios necessários para empreender aquela via, era porque o reservava para outra.

Reconhecendo não possuir vocação de contemplativo, Bruno mantinha o desejo de fazer algo pela Santa Igreja. Pediu então ao seu Bispo que o aceitasse como postulante ao sacerdócio, sendo logo admitido. A fim de prosseguir seus estudos, dirigiu-se a Turim e ingressou na faculdade, atitude muito louvável, mas que lhe traria um grande risco.

Nos bordes da heresia

Próxima da França, a cidade de Turim via-se infectada pelo mesmo mal que grassava no reino da flor de

*As obras divinas
estão marcadas por
uma superabundante
criatividade e
renovado vigor,
fruto da infinitude
de seu Artífice*

lis naquele momento: o jansenismo, o qual ainda se agravava nos domínios piemonteses por uma latente atmosfera de oposição entre o governo civil e a Santa Sé. Essa heresia rigorista e repleta de amargura impregnava grande parte dos ambientes eclesiásticos, tornando difícil a boa formação de um seminarista.

O perigo apresentava-se tanto maior quanto mais divulgados eram tais desvios, por meio de uma imprensa mal governada e altamente nociva ao povo, em geral desprovido de grandes conhecimentos teológicos. O que Bruno precisava naquele momento era encontrar alguém que o guiasse, e sua infalível Mãe logo lhe enviaria esse alguém...

Convertido durante uma leitura

Tratava-se de um jesuíta – ou melhor, ex-jesuíta, visto que a Companhia de Jesus estava fechada naquele momento – que possuía um passado peculiar.

Nicolas-Joseph-Albert de Diessbach nasceu a 15 de fevereiro de 1732 em Berne, Suíça, de uma família nobre, mas adepta do calvinismo. Possuindo um espírito muito lógico e questionador, rapidamente se desgostou da falaciosa doutrina, declarando-se ateu.

Em seguida decidiu seguir a carreira militar e ingressou no regimento comandado por seu tio paterno, não tardando muito em alcançar a patente de capitão. Sua distinta origem lhe dava acesso às casas das melhores famílias da cidade onde prestou guarnição, e justamente em uma dessas visitas teve início sua conversão.

O anfitrião, fervoroso católico, colocou sabiamente um bom livro ao alcance das vistas do convidado. A atração do Capitão Diessbach pela leitura era tanta que ele não pôde se con-

ter. A partir daquele momento aderiu à religião verdadeira.

Uma sociedade para fazer o bem

Mas Diessbach tornou-se um católico sério demais para se contentar apenas com a sua própria salvação. Tendo ingressado nos jesuítas e iniciado sua atividade apostólica, ele via com tristeza que o Catolicismo se encontrava minado em vários aspectos, sobretudo por causa da veiculação de heresias por toda a imprensa. Algo precisava ser feito.

Foi então que ele teve uma ideia: fundar uma sociedade – no caso, secreta – a fim de ajudar a resolver a situação. Corria o ano de 1775 quando nasceu a *Amicizia Cristiana*. O que essa instituição faria propriamente?

Os bons livros fazem os bons “amigos”

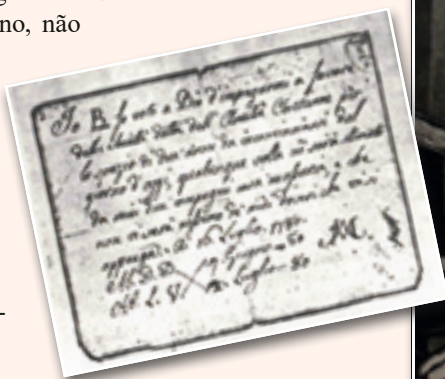
A principal atividade da *Amicizia Cristiana* estava intimamente ligada à conversão de seu fundador. Não havia ela se operado em virtude de uma boa leitura? Pois, então, Diessbach promoveu que sua sociedade fosse uma verdadeira fábrica de livros benfazejos.

Os membros examinariam os escritos

católicos a fim de verificar sua ortodoxia e fidelidade à Santa Sé. Caso fossem considerados bons livros, seriam não só arquivados na biblioteca da sociedade, mas também difundidos entre o povo, tão carente da verdadeira doutrina.

Apenas seis integrantes comporiam sua junta diretiva e estariam à frente de uma complexa e estruturada máquina de coleta de dados, análise de doutrinas, recrutamento de novos

Bruno discerniu o caminho que Deus lhe havia traçado ao conhecer a “Amicizia Cristiana” e seu fundador, o Pe. Diessbach



Pe. Nicolas-Joseph-Albert de Diessbach, fundador da “Amicizia Cristiana” - Colégio São Miguel, Friburgo (Suíça); em destaque, voto de adesão à sociedade feito pelo do Pe. Bruno Lanteri. Na página anterior, este sacerdote



Reprodução

associados e divulgação das obras.

Católicos exemplares

Contudo, restringir a ação da *Amicizia* a esse aspecto meramente prático seria reduzir em muito seu verdadeiro alcance. Com efeito, não se tratava de uma mera sociedade de imprensa, mas de uma congregação religiosa *sui generis*.

Muito mais do que grandes capacidades intelectuais, o que se exigia de seus membros era uma conduta exemplar. Um aspirante, por exemplo, passava por um ano de contínuo exame, a fim de verificar a real conformidade de sua vida com os princípios católicos. Terminado o tempo de avaliação, caso fosse achado digno ele deveria fazer três votos: de não ler por um ano nenhum livro proibido; de consagrar uma hora por semana a uma atenta leitura de um livro de formação religiosa subministrado pela associação; de obedecer aos superiores naquilo que tocava à boa ordem e à atividade comum da *Amicizia*.²

Ademais, eram estabelecidas algumas regras para seus integrantes, como a frequência regular aos Sacramentos, meia hora de meditação e de leitura diárias, e a realização de um retiro espiritual por ano. Assim, por meio de uma vida interior bem estruturada eles estariam realmente preparados para empreender uma fecunda ação apostólica.

Lanteri e a “Amicizia Cristiana”

Não é preciso dizer que, após conhecer o Pe. Diessbach, Bruno logo aderiu ao seu movimento, pois via nele o caminho que Deus lhe tinha traçado. Por sua vez, certamente devido a uma misteriosa intuição, o próprio jesuíta



“Encontro de Napoleão Bonaparte e o Papa Pio VII”, por Jean-Paul Laurens

O Papa prisioneiro necessitava urgentemente de auxílio para defender a Igreja; onde encontrá-lo? Bruno tinha uma solução

percebeu que aquele discípulo não era “um a mais”. Prova-o a especial atenção e confiança que deitou desde o início naquele jovem, que sequer havia sido ordenado.

A ele foi revelada, por exemplo, a cifra de que se servia a sociedade para manter em segredo sua correspondência, e esta começou a passar toda ou em grande parte por suas mãos.

Em 1783, logo após ter concluído os estudos e recebido a unção sacerdotal, Lanteri tornou-se o segundo homem da *Amicizia* de Turim, a sociedade-mãe, de grande importância em relação às demais. E, com a morte de Dies-

sbach em 1798, ele assumiu definitivamente o comando da instituição naquela cidade.

Bruno ainda contribuiu para dar forma e promover o crescimento de outras sociedades coirmãs, como a *Amiche Cristiane*, entidade feminina que desenvolvia um apostolado similar à de sua homóloga masculina, e a *Amicizia Sacerdotale*, a qual visava a formação do clero. Ele recebeu também o governo da *Aa*,³ que atuava junto aos seminaristas.

Dirigindo essas associações, Lanteri busca-

va empregar todos os meios necessários para a conservação da Fé Católica, o progresso na virtude e a defesa da Santa Sé. Quanto a este último ponto, há um fato muito interessante a relatar.

Em defesa do Papa

Napoleão afligia toda a Europa. Tendo feito o Papa Pio VII seu prisioneiro em Savona, o imperador exigiu que ele lhe reconhecesse o direito de nomear os Bispos. Entretanto, o Vigário de Cristo sabia ser esta uma atitude inadmissível e, em consequência, sua posição era de intransigente recusa.

Não obstante, para poder infligir um golpe certo na soberba do prepotente imperador, e assim resguardar a integridade do rebanho, Pio VII necessitava das atas oficiais do Concílio Ecumênico de Lyon, no qual a questão já havia sido discutida e resolvida. Tendo-as em mãos, poderia escrever um novo documento – fundamentado no Magistério tradicional da Igreja – que esclarecesse as consciências de uma vez por todas. Mas havia um empecilho: o governo francês proibira, sob pena de morte

ou exílio, a entrega de qualquer escrito ao Papa sem prévia análise. Como, então, fazer-lhe chegar aquele texto? Bruno tinha uma solução.

Ele, que já havia promovido uma incessante coleta de donativos para sustentar o augusto prisioneiro, decidiu dar uma prova a mais de sua fidelidade e conseguir o documento, por mais que lhe pudesse custar a própria vida. Para isso, pediu a ajuda de um cavalheiro conhecido seu, o qual se dispôs a levar a correspondência até o Sumo Pontífice.

Chegando diante deste, o cavalheiro ajoelhou-se para lhe oscular os pés e, nesse ínterim, escondeu as atas do concílio na barra de sua batina. Pouco tempo depois saía o documento de Pio VII. Napoleão teve um transporte de cólera. “Como?!”, perguntaram-se todos; o governo francês não sabia responder...

Esperanza dos filhos da luz

Claro está que essa convenientíssima invisibilidade não duraria eternamente; a fama de ardente católico da qual gozava Lanteri, por si só, já bastaria para torná-lo suspeito. Não tardou muito a que batessem à porta de sua residência, com o intuito de realizar uma varredura e procurar provas que o incriminassem.

O anfitrião, embora forçado à hospitalidade, assistia à cena com um curioso sorriso nos lábios. Com efeito, o secretário de Bruno já havia previsto a investida e limpadão completamente a área de qualquer papel suspeito. Podemos até nos perguntar se ele não estava a par da futura investigação...

Aliás, o sistema de comunicação das *amicizie* era efficacíssimo. Para se ter uma noção, basta dizer que, à época do exílio de Pio VII, o próprio dire-



*Para defender a Igreja,
o católico deve usar de
todos os meios lícitos
ao seu alcance, sabendo
aliar a inocência
da pomba com a
astúcia da serpente*

tor geral da polícia imperial em Roma, Norvins-Montbreton, constatou diversas vezes que as notícias chegavam de Paris a Roma mais rapidamente pelo serviço de informação católico, que pelos correios especiais do governo!⁴ É verdade que muitos fiéis haviam tomado a iniciativa de auxiliar o Papa mediante correspondência secreta, mas Lanteri foi um expoente dentre esses que souberam muito bem aliar a inocência da pomba com a astúcia da serpente (cf. Mt 10, 16).

Uma lição

Incontáveis outros fatos testemunham ainda essa diferente forma de lutar pela Santa Igreja empreendida pelo Venerável Pio Bruno Lanteri.

Basta dizer que ele fundou uma congregação religiosa, os Oblatos de Maria Virgem, e uma sociedade análoga às *amicizie*, mas que deveria ser pública, a *Amicizia Católica*.

Em síntese, a epopeia desse varão eleito guarda uma lição: para defender os direitos e a honra de nossa Santa Mãe Igreja, o católico deve usar de todos os meios lícitos ao seu alcance. E, recordamos, esses não faltarão, pois a criatividade não é um problema para a Sabedoria Divina. ✚

¹ GASTALDI, Pietro. *Della vita del Servo di Dio Pio Brunone Lanteri fondatore della Congregazione degli Oblati di Maria Vergine*. Torino: Marietti, 1870, t.IV, p.21.

² Cf. PIATTI, OMV, Tommaso. *Il Servo di Dio Pio Brunone Lanteri*. 4.ed. Torino-Roma: Marietti, 1954, p.42.

³ Essa sociedade havia sido fundada em Paris, por volta do ano de 1702, e espalhou-se pela França e regiões circunvizinhas, entre as quais a cidade de Turim. Seu nome é discutido, embora tenha-se por correto afirmar que a misteriosa sigla se decifre como *Amicizia Anonima* (cf. PIATTI, op. cit., p.61).

⁴ Cf. CRISTIANI, Léon. *Un prêtre redouté de Napoléon. P. Bruno Lanteri*. Nice: Procure des Oblats de la Vierge Marie, 1957, p.88-89.



A mão materna da Igreja

Almas cheias de fé recebem da Santa Madre Igreja um lugar de referência, onde sabem que têm sempre à disposição a Palavra Divina e um alento vindo do Céu.

✚ Ir. Juliane Vasconcelos Almeida Campos



A Paróquia Jesus Bom Pastor, localizada na Cidade Estrutural do Distrito Federal, tem sido desde o nascimento fecunda em graças para sua gente sofrida, retirando-a, muitas vezes, de situações de grande vulnerabilidade e a elevando à categoria de filhos de Deus.

Para compreender a profundidade de tais palavras, é preciso remontar às origens dessa comunidade de Brasília.

Gênese da Cidade Estrutural

Sua formação se deveu ao agrupamento de pessoas em situação de

extrema pobreza, em meados da década de 1960, na região próxima ao aterro sanitário do Distrito Federal, à época não regularizado e conhecido prosaicamente como “lixão”. Iam elas em busca de meios de sobrevivência e ali estabeleceram precárias moradias.

Mesmo sem infraestrutura, o aglomerado de barracos adjacentes ao local se ampliou e tomou ares de urbanização. Em fins dos anos 1980 foi criado o Setor Complementar de Indústria e Abastecimento (SCIA) do Distrito Federal, e em 2004 o conglomerado de centenas de domicílios se transformou

em sua sede urbana, adotando o nome da rodovia que corta a região ao sul, a DF-095 ou Via Estrutural.

Atualmente a cidade conta com cerca de quarenta e cinco mil habitantes, está pavimentada em boa parte e possui uma base econômica fundada no comércio. O antigo “lixão” agora se chama aterro controlado – o segundo maior da América Latina – e só recebe rejeitos da construção civil. Constituída de habitantes majoritariamente jovens, a cidade foi dividida em setores, e entre eles está o Setor Santa Luzia, o de infraestrutura mais precária,



João Luiz Barreto



David Ayusso

Missa na Paróquia Jesus Bom Pastor e cerimônia de criação da paróquia por Dom Paulo Cezar Costa

pedindo por isso mais atenção, como recordava há pouco o Papa Leão XIV: “Os pobres estão no centro de toda a ação pastoral”¹.

Um sonho realizado

A Santa Igreja, como Mãe extremosa, não podia ficar insensível a tal parcela da população, necessitada não apenas de meios materiais, mas, sobretudo, de apoio espiritual. Acalentando o sonho de fazer algo a mais por essas ovelhas de seu rebanho, Dom Sérgio da Rocha – então Arcebispo Metropolitano de Brasília, hoje Cardeal Primaz do Brasil – tomou a iniciativa de criar uma área pastoral sob a égide de Jesus Bom Pastor, na parte mais carente do território da Paróquia Nossa Senhora do Encontro com Deus, já existente na Cidade Estrutural.

Passados mais de dez anos, em 7 de abril de 2024 o Cardeal Dom Paulo Cezar Costa, atual Arcebispo de Brasília, qual pastor solícito ampliou esse sonho: entre os aleluias da Páscoa, a área pastoral se transformava na nova Paróquia Jesus Bom Pastor, confiada aos cuidados da Sociedade Clerical de Vida Apostólica Virgo Flos Carmeli, dos Arautos do Evangelho.

No Domingo da Misericórdia, fechando a Oitava Pascal, em solene cerimônia concelebrada pelo Cardeal Dom Raymundo Damasceno Assis e pelo Bispo de Tocantinópolis, Dom Carlos Henrique Silva Oliveira, além de inúmeros sacerdotes, Dom Paulo Cezar empossou o primeiro pároco, Pe. Lourenço Isidoro Ferronato, EP, bem como apresentou o vigário paroquial, Pe. Stywart Andrey Almeida Durães, EP.

Apesar de ainda não possuir uma igreja matriz edificada, nem casa paroquial, a Paróquia Jesus Bom Pastor surgia com metas e desafios ousados: abraçar as lutas e dificuldades de seu rebanho, com coragem e entusiasmo.

*A Igreja não podia
ficar insensível
diante de um povo
necessitado, não apenas
de meios materiais,
mas sobretudo de
apoio espiritual*

Intensa ação pastoral e social

Desde o início, uma intensa ação pastoral passou a ser seu cotidiano. Tendo o pároco assumido a presidência da Associação Cristã Santa Clara – entidade católica fundada nos primórdios da área pastoral, com o intuito de desenvolver atividades sociais, e que funciona nas dependências da Capela Santa Luzia –, passou ele a dar especial assistência espiritual à creche a ela vinculada, que alberga por volta de cem crianças e enfrenta todos os meses o desafio material de cobrir as despesas de sua manutenção e atividades.

Essa associação, em parceria com a paróquia, assiste ainda cerca de quatrocentas e vinte famílias com doações de roupas, medicamentos e alimentos, e oferece à comunidade local atendimento médico, odontológico, psicológico, nutricional, jurídico, cultural e esportivo, com o apoio de voluntários, além de cursos de capacitação para jovens e adultos.

Ademais, mensalmente a paróquia distribui uma centena de cestas básicas – às vezes mais, quando se recebe um donativo especial, como no caso da Campanha Salvei-me Rainha de Fátima, que ofertou cento e cinquenta cestas – para as famílias em situação de vulnerabilidade, e a Pastoral da



De cima para baixo: comemoração natalina com distribuição de presentes, refeição e Missa com as crianças na creche Associação Cristã Santa Clara; apresentação dos participantes do Projeto Música na Jesus Bom Pastor; aula do Projeto Padaria Artesanal



Da esquerda para a direita: atendimento odontológico na Associação Cristã Santa Clara; café da manhã comunitário, após a Missa dos enfermos; Missa em uma das lojas da Cidade do Automóvel; procissão pelas ruas da Cidade Estrutural

Fotos: Paróquia Jesus Bom Pastor

Saúde organiza no terceiro domingo de cada mês um café da manhã comunitário, servido depois da Missa das oito horas, dedicada aos enfermos.

Uma iniciativa sociocultural de muito boa repercussão na comunidade foi o Projeto Música na Jesus Bom Pastor, aos cuidados do setor feminino dos Arazos do Evangelho, com a finalidade de despertar o gosto pela música e pela cultura em crianças e adolescentes. Sua primeira apresentação deu-se na cantata natalina realizada no Domingo *Gaudete*, sob a regência do Pe. Anderson Fernandes, EP, com a presença de numerosa assistência.

Outro empreendimento que está sendo implantado na paróquia é o Projeto Padaria Artesanal, uma iniciativa da segunda-dama do país, Da. Maria Lúcia Alckmin. Um primeiro grupo participou do curso de pães nas dependências da Igreja de Nossa Senhora das Mercês, passando a ser formadores de novos conjuntos na comunidade Jesus Bom Pastor. Duas turmas já fizeram o curso no território paroquial, recebendo seus integrantes a oportunidade de se inserirem no mercado de trabalho, quer seja em padarias ou confeitarias, quer montando seu pequeno comércio ou até fazendo o próprio pão em casa.

*Essas almas simples
e sedentas de Deus,
cheias de gratidão pelos
benefícios recebidos e
movidas pela graça,
aproximam-se
mais da Igreja*

Frutos marcados pelo sobrenatural

Não obstante toda essa ação social, o pároco e seus colaboradores bem sabem que “a pobreza mais grave é não conhecer a Deus”,² como recorda ainda o Sumo Pontífice. E eles veem com alegria que os frutos de seu dedicado trabalho vêm marcados por efeitos sobrenaturais: essas almas simples e sedentas de Deus, cheias de gratidão pelos benefícios recebidos e movidas pela graça, aproximam-se mais da Igreja, participando com entusiasmo da vida eclesial.

Confiando no auxílio divino para a edificação de sua matriz, que segue funcionando de forma um tanto precária em uma tenda, a paróquia tem proporcionado inúmeras ocasiões para a participação dos fiéis nos Sacramen-

tos e na Sagrada Liturgia. Já foi possível celebrar por duas vezes a festa do padroeiro, o Bom Pastor; realizar mais de uma centena de Batismos, inúmeras Primeiras Comunhões e duas cerimônias de Crisma, com uma terceira prevista para o fim deste ano; administrar a Extrema-Unção a vários enfermos e celebrar muitas exéquias.

Mais de uma dezena de Ministros Extraordinários da Eucaristia receberam a investidura em cerimônia celebrada pelo Cardeal Dom Paulo Cezar no mês de novembro, e em dezembro, como um presente à Imaculada Conceição de Maria, foram instituídos vinte e sete coroinhas e quatro acólitos para servirem ao altar. Realizaram-se ainda concorridas procissões em honra da Imaculada Conceição, no dia 8 de dezembro, e de Nossa Senhora de Fátima, a 13 de maio último.

Em outubro de 2024 e em março deste ano, centenas de devotos se consagraram a Nossa Senhora, segundo o método de São Luís Maria Grignon de Montfort, em Celebrações Eucarísticas que contaram com a participação de incontáveis fiéis de todo o Distrito Federal e Estados vizinhos. A adequada preparação deu-se através do curso *on-line* ministrado pelo Pe. Ricardo José Basso, EP, na Plataforma de Formação



Da esquerda para a direita: Missa em uma das comunidades da paróquia; administração da Extrema-Unção durante uma visita às residências dos paroquianos; batizado na sede provisória da paróquia

Católica Reconquista, dos Arautos do Evangelho, ou presencialmente na própria comunidade.

Surgida no Tempo Pascal, a paróquia pôde celebrar neste ano sua primeira Quaresma e Semana Santa. Parecia se ouvir ecoar a voz do Divino Redentor: “Tenho desejado ardentemente comer convosco esta Páscoa” (Lc 22, 15)! Houve recitação da Via-Sacra pelas ruas, procissão do Domingo de Ramos e um Concerto da Paixão realizado pelos Arautos do Evangelho, bem como todas as cerimônias próprias ao Tríduo Pascal: Missa da Ceia do Senhor e lava-pés, Celebração da Paixão na Sexta-Feira Santa e Vigília Pascal, culminando no júbilo da Ressurreição e alegre comemoração da Páscoa com as crianças.

Metas propostas e alcançadas

Em seu curto tempo de existência, a paróquia teve a possibilidade de alcançar tantas metas propostas que as breves linhas de um artigo não permitem narrar tudo, muito menos todos os detalhes que revelam a mão suave de Nossa Senhora conduzindo cada um de seus passos.

Além do que foi relatado, podemos acrescentar as visitas feitas às casas dos paroquianos, com a entronização do Sagrado Coração de Jesus, bênção e consagração da família, bem como

*A Providência tem
abençoado os esforços,
e a nova paróquia
a cada dia vai se
tornando um lugar
de referência para a
Cidade Estrutural*

a Santa Missa celebrada mensalmente em lojas da Cidade do Automóvel – zona do Setor de Comércio e Serviços do Distrito Federal pertencente à paróquia – com a presença do proprietário, funcionários e vizinhos.

E apenas para aludir a mais algumas metas atingidas, em setembro se iniciou a recitação do Terço das Mães, que rezam pelos filhos, e em janeiro último a do Terço dos Homens, às sextas-feiras. Também no começo deste ano foi realizado o VIII Encontro de Casais do Ágape, na Capela Santa Luzia, com a participação de vinte e cinco casais; em abril, com o auxílio da coordenadora compartilhada do Vicariato Centro, foi fundado o Apostolado da Oração; e em maio houve uma peregrinação às basi-

licas e casas dos Arautos do Evangelho no Estado de São Paulo, com a participação de sessenta peregrinos.

O pároco e o vigário paroquial não conhecem descanso, trabalhando bem ao estilo apostólico, pois às vezes não têm “tempo nem para comer” (Mc 6, 31)! Tal atividade seria impossível sem o apoio de vários Arautos do Evangelho que constantemente os auxiliam ministrando catequese e cursos de formação, acolhendo os fiéis, enriquecendo o canto litúrgico, acompanhando as visitas às residências e os assistindo em tudo o que precisam.

Efetivamente a Providência tem abençoado os esforços, e a nova paróquia a cada dia vai se tornando um lugar de referência para a Cidade Estrutural, onde seu povo humilde, mas cheio de fé, sabe ter sempre à disposição a Palavra Divina e um alento vindo do Céu que dá sentido às suas batalhas e sofrimentos diários. Ali a Santa Igreja o faz participar da honra de pertencer à família divina, de ser chamado ao banquete do Rei dos reis e Senhor dos senhores, Jesus Cristo, o Bom Pastor. ✠

¹ LEÃO XIV. Mensagem para o IX Dia Mundial dos Pobres, n.5.

² Idem, n.3.



Escravos de Jesus, por Maria

Ao longo dos meses de maio e junho, milhares de pessoas fizeram sua consagração à Santíssima Virgem segundo o método de São Luís Maria Grignion de Montfort. Nas fotos abaixo, aspectos das cerimônias realizadas na Paróquia Sagrado Coração de Jesus, em Madri; na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Tocancipá, Colômbia; na Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe (Buen Tono), na

Cidade do México; na Igreja de Santa Sofia, em Santiago do Chile; na Paróquia Santa Helena, em Antiguo Cuscatlán, El Salvador; na Paróquia Universitária de Santa Maria da Anunciação, em Santo Domingo; e na casa dos Arautos em Maputo. Houve também uma abençoada Missa para os consagrados com o Pe. Manuel Rodríguez, EP, no Santuário de Maria Auxiliadora, na Cidade do México.



México

Ronny Fisher



Colômbia

Jesse Arce



Chile

Ricardo José Cull



México

Ronny Fisher



Espanha

Mateo Peláez



República Dominicana

Mariana Feliz



Moçambique

Mauro Machiana



El Salvador

Sebastián Cadavid



Solenidade de Corpus Christi

Por ocasião da Solenidade de Corpus Christi, os Arautos do Evangelho participaram de diversas celebrações e procissões em honra do Santíssimo Sacramento. Destacamos as cerimônias realizadas em Roma pelo Papa Leão XIV, que presidiu a Santa Missa na Basílica de São João de Latrão e conduziu o ostensório com a Sagrada Eucaristia até a Basílica de Santa Maria Maior; na Basílica de São Marcos, em Veneza; na Basílica de Nossa Senhora

do Rosário, em Caieiras (SP); na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, em Cotia (SP); na Catedral Metropolitana de Asunción, Paraguai; na Catedral Metropolitana de Maputo, Moçambique; na Igreja Nossa Senhora do Bom Conselho, em Piraquara (PR); na Igreja Nossa Senhora dos Claríssimos Montes, em Montes Claros (MG); na Igreja São Salvador, em Lauro de Freitas (BA); e na casa dos Arautos em Maringá (PR).



Veneza

Sammy Blondo



Roma



Roma

Nuno Moura



Caieiras (Brasil)

Stephen Nami



Cotia (Brasil)

Emerson Júnior



Cotia (Brasil)

Emerson Júnior



Piraquara (Brasil)

Alexandro Silva



Moçambique

Mauo Machiana



Paraguai

Xavier Jacob



Maringá (Brasil)

Maria Fernanda Aguiar



Montes Claros (Brasil)

Tatiane de Oliveira



Lauro de Freitas (Brasil)

Eduardo de Barros



Fotos: João Lucas Guimarães



Reginaldo Pomim

Estado de São Paulo – Coros dos Arautos do Evangelho animaram a Celebração Eucarística de bênção do altar da Paróquia Santo Antônio em Mogi das Cruzes, presidida por Dom Pedro Luiz Stringhini, Bispo Diocesano, no dia 27 de maio (foto 1), bem como a Missa por ocasião da bênção dos sinos da Catedral do Divino Espírito Santo, em 7 de junho (foto 3), e a festa do padroeiro do Santuário de Santo Antônio, em 13 de junho (foto 2), ambas em Caraguatatuba e presididas por Dom José Carlos Chacorowski, CM, Bispo Diocesano.

Fotos: Chris Coutinho



Índia – Na cidade de Bangalore, o mês de maio, especialmente dedicado à Santíssima Virgem, encerrou-se com a coroação da Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria e com uma bela procissão nas adjacências da Catedral de São Francisco Xavier, organizada pelos membros dos Arautos do Evangelho presentes na Índia.

Fotos: Gustavo Kralj



Canadá – Membros do Apostolado do Oratório “Maria, Rainha dos Corações” reuniram-se na casa dos Arautos em Toronto para um encontro realizado no mês de maio, durante o qual houve um Terço processional no parque da residência e a celebração da Santa Missa.



Fotos: Ronny Fisher

México – Doze mil fiéis, vindos de diversas partes do país, participaram da peregrinação anual dos Arautos do Evangelho ao Santuário Nacional de Nossa Senhora de Guadalupe, na Cidade do México, realizada no dia 7 de junho. A programação teve início com a recitação do Rosário na esplanada da basílica, seguida da celebração da Santa Missa em ação de graça, presidida pelo Pe. Manuel Rodríguez, EP, e animada pelo coro da instituição.



Fotos: Armandito García

Estados Unidos – No 37º Encontro da Pastoral Hispana da Diocese de Palm Beach, realizado no dia 25 de maio com a presença de Dom Gerald Michael Barbarito, Bispo Diocesano, o Pe. Joaquim Fernandes, EP, esteve a cargo de uma das palestras, da procissão com o Santíssimo Sacramento e da homilia da Santa Missa.



Fotos: Roberto Salas

Guatemala – Mais um jantar beneficente foi realizado no Hotel Westin Camino Real, na Cidade da Guatemala, em prol da construção da igreja dos Arautos do Evangelho. Esteve presente o Nuncio Apostólico no país, Dom Francisco Montecillo Padilla.



Até no outro lado do mundo...

Não contente em auxiliar aqueles que a invocam em seu próprio país e aos devotos que se espalham por todo o seu continente, Dona Lucilia parte em busca de almas necessitadas até nas longínquas terras do Oriente...

✠ **Elizabete Fátima Talarico Astorino**



A intercessão de Dona Lucilia ultrapassa barreiras. Desde seu falecimento, em 1968, assistimos ao desabrochar discreto, mas sempre crescente, de uma devoção que abre caminhos. O número de pessoas que têm sido auxiliadas por ela nos mais diversos quadrantes do mundo torna-se um penhor de esperança para todos os que a ela recorrem pois, para essa boníssima mãe, as distâncias já não existem.

Pois bem, convidamos hoje nossos leitores a percorrerem com o pensamento os mais de treze mil quilômetros que nos separam da Índia, para conhecermos outro episódio do magnífico quadro delineado por Deus através de Dona Lucilia, desta vez ocorrido no mencionado país asiático.

Na cidade de São Francisco Xavier

A família do Sr. James Kurian e sua esposa Nadisha Coelho reside no Estado de Goa, uma terra abençoada pela evangelização do grande São Francisco Xavier. Estado costeiro, tem a peculiaridade de ser um dos menores da Índia e está dividido em dois distritos: Goa Norte e Goa Sul. Uma

de suas principais cidades é Velha Goa, no distrito norte, onde se situa a Basílica do Bom Jesus, ponto de referência para os católicos da região e para todos os viandantes que por ali passam, pois nela se encontra o corpo incorrupto do santo missionário.

Em março deste ano o Sr. James precisou substituir uma colega de trabalho num grande evento, uma vez que ela estava de licença. No dia 5 à noite ele a contactou, a fim de acertar alguns detalhes práticos sobre a atividade. Findo o telefonema, a senhora continuou a conversar a respeito dele com o esposo, comentando um pouco as funções que exercia na empresa.

Já no dia seguinte, 6 de março, enquanto passava perto de Velha Goa a caminho do trabalho, o Sr. James notou no aparelho celular duas chamadas perdidas dessa senhora e imediatamente retornou para saber o que precisava. Ela explicou que estava indo para o hospital com sua mãe e pediu orações por ela, pois se encontrava muito mal. Contudo, enquanto sua colega falava o Sr. James teve uma inexplicável certeza interior: “Esta doença

não leva à morte, mas é para a glória de Deus”.

Prometeu, então, incluir toda a família nas intenções de suas orações, e recomendou não perderem a esperança.

No hospital, morte e ressurreição...

Porém, os caminhos de Deus são muitas vezes inexplicáveis aos nossos olhos terrenos... E foi o que aconteceu ao chegarem ao hospital. Apesar dos cuidados médicos, a idosa teve uma parada cardíaca à qual não resistiu, e o processo de reanimação cardiopulmonar (RCP), durante o qual foi desfibrilada três vezes, não obteve resultado.

Em vista disso o médico declarou o óbito pois, de fato, tudo indicava a consumação da morte clínica da paciente.

Meia hora depois, estando já a família avisada do falecimento da senhora, o médico decidiu, de modo inteiramente inesperado, intervir mais uma vez efetuando uma última desfibrilação. Desta vez, contra todos os prognósticos a idosa reviveu. Tinha passado mais de trinta minutos sem sinais vitais!

No mesmo momento a filha enviou uma mensagem ao Sr. James, informando-o de que sua mãe havia

revivido, mas que sua frequência cardíaca estava muito baixa, razão pela qual lhe pedia para continuar rezando.

À tarde, o Sr. James foi ao hospital para fazer uma rápida visita à mãe de sua colega. Quando se aproximou do leito em que ela se encontrava, notou que estava muito inquieta e, incomodada com o ventilador pulmonar, tentava tirar a máscara. Colocou então um rosário nas mãos da enferma e rezou por ela, tendo a grata surpresa de vê-la abrir os olhos pela primeira vez depois de todo o ocorrido.

Contudo, o perigo não havia sido inteiramente superado. A equipe médica receava que a pobre senhora apresentasse lesões cerebrais irreversíveis, pois ficara meia hora sem oxigenação. Depois de dois dias, porém, ela venceu a crise, voltou a respirar por si mesma e suas funções vitais se estabilizaram. Os exames não acusaram sequela alguma, e os médicos garantiram sua completa recuperação!

Com efeito, no dia 15 de março ela voltou para casa. Hoje é capaz de andar e sua memória está em perfeita ordem.

Tendo chegado a este ponto da narração, o leitor certamente estará se perguntando em que tal fato – no qual se evidencia o poder da oração, é verdade, mas cujo feliz desenlace bem pode ser atribuído a fatores naturais e até corriqueiros – tem relação com a intercessão de Dona Lucília, uma vez que seu nome nem sequer foi mencionado... Continuemos o relato.

Um encontro inexplicável

No dia 17 de março, a colega do Sr. James voltou a trabalhar e o procurou para agradecer pelo apoio e pelas orações. Ela queria também lhe narrar um episódio insólito, para o qual não encontrava explicação.

No dia em que sua mãe sofrera o ataque cardíaco, ela e seu esposo estavam dirigindo-se para o hospital e, pouco antes de Velha Goa, num local onde ninguém costuma ficar nem mesmo para esperar um ônibus,

ambos viram uma senhora idosa pedindo carona. Ela estava bem vestida e era muito decente e distinta.

Decidiram parar o veículo e oferecer-lhe condução. Ela aceitou e, ao



Dona Lucília em meados de 1930, caminhando pelas ruas de São Paulo; na página anterior, o Taj Mahal, Agra (Índia)

*Pelas ruas da Índia,
o casal se depara com
uma distinta senhora
idosa, vestida como
nos antigos tempos,
e que pede carona.
Quem será ela?*

entrar, declarou que desejava ir para Pangim, centro administrativo do Distrito de Goa Norte. Pouco depois de iniciado o percurso, ela indagou ao casal: “Algo de ruim está acontecendo?” A colega do Sr. James explicou o ocorrido com sua mãe e a razão pela qual se dirigiam ao hospital. Em resposta, a desconhecida recomendou: “Só faça uma coisa: telefone para aquele senhor sobre o qual você estava conversando ontem à noite, e tudo ficará bem”. Dito isso, pediu para descer ali mesmo, tendo já o automóvel saído do território de Velha Goa, e sem maiores explicações foi embora.

Como era possível que ela soubesse quem era o Sr. James, e que o casal tivera uma conversa a respeito dele na noite anterior? Sem compreender, mas seguindo seu conselho, ela realmente telefonou para o seu colega pedindo orações, como vimos.

Buscando uma resposta

De início, o Sr. James julgou tratar-se da aparição de uma alma do Purgatório, mas ao contar o ocorrido para sua esposa, Da. Nadisha, ela logo pensou que o caso era mais afim com o modo de agir de Dona Lucília, pois conhecia relatos de manifestações semelhantes por parte dela no passado.¹

Curioso por verificar se tinha sido Dona Lucília, após a conversa com a esposa o Sr. James ligou para sua colega e pediu mais detalhes sobre a senhora que lhe aparecera. Ela respondeu que era uma pessoa idosa, com cabelos curtos e grisalhos, de pele branca. Posteriormente comentou que ela trajava um vestido de tempos antigos, de cor azul e mangas bordadas, e repetiu que se tratava de uma senhora distinta, acrescentando que falava inglês muito bem.

O Sr. James narrou tudo o que tinha acontecido para sua sogra, Da. Anna Coelho, e ela lhe enviou duas fotografias de Dona Lucília para que mostrasse à sua colega.

“Quem é ela?!”

Estando em seu escritório em 20 de março, ao término de mais um dia de trabalho o Sr. James lembrou-se das fotografias de Dona Lucilia e quis mostrá-las à colega, perguntando se a senhora que entrara no seu carro se parecia com a pessoa ali retratada. Ao vê-las, ela ficou muito chocada, sentou-se e perguntou: “Senhor, quem é ela?!”

Percebendo o efeito que a fotografia produzira em sua colega, o Sr. James ficou sem saber como dizer quem era Dona Lucilia... Afinal, como explicar-lhe a aparição desta dama falecida há décadas, numa cidade do outro lado do mundo? Em poucas palavras, relatou sua ligação com ela: “Os irmãos de minha esposa pertencem a uma comunidade religiosa, e esta é a mãe do fundador deles. Ela é do Brasil”, foi sua primeira tentativa.

Ainda sem compreender inteiramente, a colega perguntou desorientada: “Então ela nasceu aqui, ou algo assim?” O Sr. James precisou explicar novamente que ela tinha nascido e vivido no Brasil, e que havia falecido

muitos anos atrás... Ouvindo isso, a senhora ficou mais surpresa ainda.

Percebendo depois o caráter sobrenatural do ocorrido, compreendeu a mensagem de Deus que ele continha e narrou sua história para o Sr. James.

Seu avô falecera em decorrência de uma picada de cobra alguns meses após o nascimento de seu pai, deixando sua avó numa situação financeira muito difícil. Aconselharam-na a vender alimentos na feira durante as novenas de São Francisco Xavier, e foi desta forma que ela conseguiu criar os filhos. Em consequência, seu pai

sempre conservou uma grande devoção ao santo missionário e a transmitiu a toda a sua família, de maneira a nunca fazerem nada importante sem antes visitar a basílica de Velha Goa.

Nisso ela reconheceu a mensagem do episódio ocorrido a caminho do hospital, pois Dona Lucilia entrou em seu veículo antes de Velha Goa e saiu depois de Velha Goa, ou seja, esteve com ela durante todo o percurso pelo local simbólico a que sua família sempre acorre para pedir a proteção divina, significando com isso que esta não lhes faltaria durante o terrível transe que iam enfrentar. Cheia de gratidão exclamou: “Só Deus pode fazer algo assim!”

Sem dúvida, Dona Lucilia esteve ao lado desta família, ajudando-a a superar as dificuldades, e também estará ao lado de cada um de nós, onde quer que nos encontremos, até na longínqua Índia! ❖

Na basílica de Velha Goa, local simbólico para a família, estava a confirmação da intervenção de Dona Lucilia: “Só Deus pode fazer algo assim!”

¹ A esse propósito, ver o artigo: Bondade e compaixão extremas. In: *Arautos do Evangelho*. São Paulo. Ano XXI. N.251 (nov., 2022), p.38-41.



Basílica do Bom Jesus, Velha Goa (Índia)

...por que Nossa Senhora é invocada como “Torre de Davi”?



Sallito (CC by 3.0)

Símbolos de alguns títulos marianos - Museu de Arte do Palácio Gavotti, Savona (Itália)

A Ladainha Lauretana recolhe alguns dos inúmeros títulos da Santíssima Virgem que possuem origem bíblica ou especial significado teológico.

A invocação *Torre de Davi*, por exemplo, remonta a uma passagem da Escritura relativa às fortificações com que o rei-profeta protegeu Jerusalém: “Como a Torre de Davi, que foi edificada com seus baluartes; dela estão pendentes mil escudos, todas as armaduras dos heróis” (Ct 4, 4).

Maria é comparada a uma torre por várias razões. Para que tal edificação seja inexpugnável faz-se necessário, antes de tudo, que ela possua sólidos alicerces. Ora, Deus quis firmar o incomparável edifício espiritual das virtudes da Santíssima Virgem sobre fundamentos inquebrantáveis: sua fé e humildade.

Ademais, uma torre atrai a atenção por ultrapassar em altura os demais

edifícios e dominar o espaço circundante. Nossa Senhora elevou-Se acima das criaturas pela contemplação e ciência das perfeições divinas, superando em sublimidade os próprios Serafins.

Em terceiro lugar, a Virgem Puríssima assemelha-Se a uma torre por sua força insuperável. Ela é a Mãe das Dores, que suportou valorosamente os sofrimentos da Paixão, a Mulher forte que sustenta a Igreja Militante, socorrendo os filhos que A invocam com confiança e dando-lhes vigor e coragem em todas as tribulações.

Por fim, em Maria encontramos um escudo seguro contra as investidas do mal, visto que n’Ela estão as armaduras de todos os heróis: a fé dos profetas e Apóstolos, a constância dos mártires, a candura das virgens, a astúcia dos Doutores, a virtude dos confessores. É Ela o bastião no qual as almas fiéis podem refugiar-se sem temor! ❖

...qual é a origem da imagem do Cristo Redentor?

A imagem de trinta metros de altura construída no pico do Corcovado – um dos mais encantadores pontos do Rio de Janeiro – em pouco tempo tornou-se o principal símbolo da nação brasileira e conquistou um posto entre as sete maravilhas do mundo moderno. Mais bela, porém, que a própria escultura e o panorama em que se insere, é a origem desse monumento cristão.

No ano de 1888, poucos meses após a Princesa Isabel conferir a liberdade aos escravos, os abolicionistas resolveram homenageá-la. Pediram, então, que Sua Alteza lhes autorizasse construir no Corcovado uma estátua em honra a “Isabel, a redentora dos escravos”. A

resposta não poderia ser mais piedosa: recusando o preito que lhe ofereciam, a princesa transformou a ideia numa ordem imperial, determinando que se erguesse ali uma imagem do Sagrado Coração de Jesus, o verdadeiro Redentor dos homens.

Entretanto, muitas batalhas se sucederam até a concretização desse nobre desejo pois, com a queda da monarquia no ano seguinte, o projeto foi cancelado... e só teve uma possibilidade de reabilitação no ano de 1921.

A inauguração deu-se, finalmente, a 12 de outubro de 1931, festa da Padroeira do Brasil. Nesse dia o Corcovado tornou-se, nas palavras do Papa Pio XI (cf. *Carta*, 14/9/1931), um

verdadeiro trono de Jesus Cristo, que com os braços abertos parece convidar todos os seus filhos para um terno abraço! ❖

Cristo Redentor - Rio de Janeiro



Exatidão (CC BY-SA)

Extravagância ou ousadia

O Espírito Santo inspira sempre novos carismas na Santa Igreja, capazes de mover as almas para o único bem. O espírito do mundo, porém, muitas vezes precisa recorrer à extravagância, no seu afã de novidades.



✎ **Raphaël Six**

O *Ancien Régime*, como se tornou conhecido o sistema político e social vigente na França no período imediatamente anterior à Revolução de 1789, foi uma época complexa. Nele muitas vezes conviveu toda a tradição forjada ao longo dos séculos pela Civilização Cristã junto aos piores disparates oriundos do já explosivo desbragamento das paixões, nascido do enfraquecimento da fé e da corrupção dos costumes.

Esse conflito, que se manifestava nos usos da sociedade, era um reflexo dos conflitos – não menos violentos e muito mais profundos – que agitavam as almas daquela época, e cujo desfecho, poucos anos depois, seriam as convulsões sangrentas da Revolução. Só assim se compreende que, junto a um requinte inaudito no trato social, possamos encontrar em tal fase histórica exemplos de extravagância que nem as excentricidades dos dias atuais, em toda a sua multi-

plicidade de expressões, conseguem superar.

Para mencionar apenas um, consideremos a figura de Rose Bertin, dama de modesta condição que, por volta de 1774, tornou-se chapeleira oficial da corte e ascendeu socialmente por suas notáveis capacidades artísticas. Foi essa modista revolucionária a responsável pela confecção do arranjo capilar que o leitor pode contemplar na primeira ilustração do presente artigo.

A extravagância é evidente, até mesmo para os hábitos cada vez mais carnavalescos que têm invadido a vida social hodierna. A composição representa um enorme navio a balouçar num equilíbrio incrível sobre a cabeça da pobre soberana que o carrega. Não só a dimensão, mas o próprio tema escolhido – uma vitória francesa sobre a marinha britânica – são dignos de todo espanto, sobretudo no aparato social de uma pessoa de tão nobre condição. Um bolo de noiva não comportaria tal representação...

“Pouf à la Belle Poule”, moda criada por Rose Bertin; abaixo, “Passeio no jardim do palácio real”, por Louis Le Cœur - Galeria Nacional de Arte, Washington



Fotos: Reprodução



Na segunda ilustração, o leitor pode contemplar Santa Catarina Labouré revestida do hábito religioso das Filhas da Caridade, instituto fundado por São Vicente de Paulo. Atualmente a *cornette* – ampla touca utilizada por essas religiosas – pode afigurar inusitada, mas logo causa simpatia. Em sua alvura, parece abrir-se como as asas de uma pomba simbólica, ou como uma luminosa auréola de virgindade dentro da qual se esconde a vidente das aparições de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa. Não espanta, pois, que até hoje circule a piedosa crença de ter sido intenção do santo fundador representar, com a *cornette*, as asas dos Anjos...

Na verdade, trata-se de um exemplo magnífico do modo como a Igreja deseja que brilhe a grandeza da vocação religiosa, protegendo suas filhas enquanto as mostra como modelo de virtude: desde a sua fundação em 1633, as Filhas da Caridade adotaram a bela *cornette* justamente como traço de humildade. Com efeito, São Vicente de Paulo quis que suas filhas espirituais se

vestissem à semelhança da classe média e operária de seu tempo, e a *cornette* era característica das camponesas daquela região, a Île-de-France. Sob inspiração da sabedoria da Igreja, ela foi estilizada pelas religiosas e, ao cair em desuso entre o povo, tornou-se um sinal distintivo da Ordem.

Todo adorno feminino visa realçar a beleza daquela que o porta. O penteado naval de Rose Bertin parece visar, entretanto, simplesmente chamar a atenção. Quanto mais se manifesta, mais a extravagância eclipsa a dignidade feminina e a personalidade de quem por ela se deixa levar. Pelo contrário, em sua radiante simplicidade a *cornette* das Filhas da Caridade é uma verdadeira ousadia, feita de humildade sem baixeza e vicejada pelo altíssimo conceito de fé daquelas que ocultam seu encanto natural sob o holocausto da vida religiosa. Quanto mais se escondem, mais a luz de Cristo irradia-se de suas faces, ressaltando, no gênero feminino, toda a sua real dignidade. ✦



Reprodução

**Santa Catarina Labouré;
abaixo, Filhas da Caridade em
diversas atividades**



Fotos: filles-de-la-charite.org



Auge de despreensão e glória

Quem haveria mais humilde do que Ela, que Se considerava indigna de ser a escrava da Mãe do Salvador? Tal atitude não representava a mais alta e pura expressão da pobreza de espírito? Assim como sua despreensão atingiu o máximo grau possível,

na mesma proporção se daria sua elevação e glória. Por isso a Igreja A louvaria como Rainha dos Céus! A ninguém competiria maior prêmio.

Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP